

# HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA

Júlia Dias Ferreira

**CADERNOS  
DE ANGLÍSTICA - 1**



Edições Colibri

**Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa**

BIBLIOTECA NACIONAL - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

História da Língua Inglesa.

(Cadernos de Anglística; 1)

ISBN: 972-772-169-9

CDU 811.111(091)(042.3)

## HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA

### **AUTORA**

Júlia Dias Ferreira

### **DESIGN, PAGINAÇÃO E ARTE FINAL**

inesmateus@oniduo.pt

### **EDIÇÃO**

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa

e

Edições Colibri

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - 1600-214 Lisboa

Tel./Fax: 21-796 40 38

Novembro 2000

### **IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Colibri - Artes Gráficas, Lda.

**TIRAGEM** 750 exemplares

**ISBN** 972-772-169-9

**DEPÓSITO LEGAL** 153 764/00

# Índice

<b>Relatório da disciplina de História da Língua Inglesa para as Provas de Agregação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa</b>	
Introdução .....	7
<b>Programa</b>	
História da Língua Inglesa .....	15
<b>Conteúdos programáticos</b>	
O inglês no quadro das línguas indo-europeias e germânicas ....	21
Pré-história do inglês .....	23
História da língua inglesa .....	23
História da fonologia inglesa .....	35
<b>Conclusão</b> .....	39
<b>Bibliografia</b> .....	41
Obras de Referência .....	41
Linguística Histórica .....	41
Histórias da língua .....	42
Gramáticas históricas do inglês .....	44
<b>Notas</b> .....	45
<b>Anexos</b> .....	47



**Relatório da disciplina de História da Língua Inglesa  
para as Provas de Agregação na Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa**



## Introdução

Para dar cumprimento ao disposto no Art.º 9, n.º 1, a) do Decreto n.º 301/ 72 de 14 de Agosto apresenta-se 'o Relatório que inclui o programa, os conteúdos e os métodos do ensino teórico e prático das matérias da disciplina' de *História da Língua Inglesa*.

Não desejando discutir a pertinência deste requisito legal em provas de Agregação de um Professor Associado, e tendo consciência dos diferentes modos como pode ser interpretado o conceito de relatório, limitar-me-ei a declarar que **este** é o resultado de experiências pedagógicas várias realizadas ao longo da minha carreira docente e porventura a expressão de outras que espero ainda poder pôr em prática.

A fim de tornar imediatamente acessível a sua leitura, desde já se refere que o presente Relatório consistirá, em primeiro lugar, numa parte de carácter introdutório que esboçará os antecedentes históricos do ensino da própria disciplina na Faculdade de Letras de Lisboa; em segundo lugar, na apresentação do programa sucintamente enunciado e da respectiva bibliografia sumária; e por fim, nos conteúdos programáticos bem como nos métodos e avaliação do ensino/aprendizagem teórica e prática da disciplina referida, acrescidos de todas as informações complementares julgadas úteis.

A cadeira de História da Língua Inglesa constitui disciplina obrigatória do *currículum* do 4.º ano das Licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas com variante de Inglês, conforme foi estabelecido pela Portaria do Ministério

da Educação n.º 852/87 de 4 de Novembro, que procedeu à reestruturação curricular dos cursos ministrados pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e à respectiva regulamentação.

Sendo certo que a introdução desta disciplina obrigatória constituiu uma inovação em relação ao elenco curricular anterior (Dec. n53/78), a verdade também é que o seu conteúdo programático consagra e recupera uma longa tradição de estudos diacrónicos da língua no âmbito da Anglistica que remonta, pelo menos, ao início da década de sessenta, quando a chamada Reforma de 1957 instituiu como disciplinas autónomas a *Linguística Alemã* e a *Linguística Inglesa*, distinguindo-as, como matérias, e diferenciando-as, no método de abordagem, da anterior *Gramática Comparativa das Línguas Germânicas*. Efectivamente, esta inseria-se no contexto de estudos diacrónicos que tiveram o seu desenvolvimento, a partir de finais do século XVIII e princípios do século XIX, com os trabalhos de filologia comparada imbuídos das orientações românticas que perseguiram o objectivo de buscar a origem das línguas europeias. No início da década de sessenta (o primeiro 4.º ano da Licenciatura em Filologia Germânica da então chamada “Nova Reforma” funcionou no ano lectivo de 1960/61) já podiam ter sido incluídos nos estudos linguísticos os princípios estruturalistas, baseados na obra de Saussure, e funcionalistas, desenvolvidos pelo Círculo Linguístico de Praga e ligados aos nomes de N. Trubetzkoy e R. Jakobson, que mesmo à história da língua vinham sendo aplicados; a bibliografia coeva e a publicada no período imediatamente anterior e, por exemplo, o modo como a disciplina de Linguística Românica foi ministrada, nesse mesmo ano lectivo, pelo Professor Lindley Cintra, testemunham essa nova atitude metodológica. No entanto, as cadeiras de Linguística Alemã e Inglesa continuaram a prática dos neogramáticos que tinham querido fazer da linguística histórica uma ciência exacta, aplicando métodos semelhantes aos então desenvolvidos pelas ciências naturais e defendendo a universalidade do conceito de ‘lei fonética’. Na verdade, o programa das duas disciplinas referidas foi, por alguns anos, e sob a orientação do Professor Frederico Laranjo, sobretudo uma história da fonética alemã e inglesa, em muito menor escala da morfologia e ainda



menos da sintaxe e do léxico, até porque o tempo lectivo de um semestre para cada disciplina, prejudicado por inúmeras provas de avaliação, mais não teria permitido.

A partir do ano lectivo de 1966/67, as disciplinas de *Linguística Alemã* e *Linguística Inglesa*, ainda semestrais, passaram a estar sob minha responsabilidade docente e os programas, não podendo afastar-se muito do que tinham sido (as inovações só muito cautelosamente podiam ser introduzidas), continuaram a tradição dos estudos diacrónicos, embora eu já tivesse apresentado, por exemplo, a problemática das permutações consonânticas germânicas numa perspectiva estruturalista e seguindo de perto as obras de E. Prokosch, J. Fourquet e A. Martinet,<sup>1</sup> aliás retomando uma experiência que o Professor Fernando de Mello Moser já ensaiara pontualmente.

Só no ano lectivo de 1969/70, quando as referidas disciplinas passaram a ter duração anual, na sequência do re-arranjo (ou desmando?) curricular levado a cabo por um Ministro da Educação de má memória, tive a possibilidade de introduzir alterações significativas nos planos das cadeiras. Foi então que dediquei maior número de aulas à história externa da língua, tendo em vista explicar algumas das suas principais características actuais e relacioná-la com os momentos de maior significado na história sócio-cultural inglesa. Numa segunda parte do ano lectivo, e pela primeira vez em muitos anos, fizeram-se estudos sincrónicos descritivos da língua alemã e inglesa do século XX, no quadro teórico da obra de André Martinet, *Elementos de Linguística Geral*.<sup>2</sup>

Nos anos que se seguiram a 1974 e até 1978, quando deixou de haver a cadeira de *Linguística Inglesa* propriamente dita ou assim intitulada, e se ministraram vários temas de índole diversa nesse âmbito, a História da Língua Inglesa não cessou de ser oferecida como opção a par de outras matérias com outras orientações que também então despertavam o interesse dos alunos. Foi por essa época que na Faculdade iniciei estudos de Linguística Aplicada (ao ensino e aprendizagem), utilizando uma metodologia de análise contrastiva entre o inglês e o português e preenchendo uma lacuna na formação dos futuros professores, ao tempo privados, no seu percurso curricular, de quaisquer matérias de natureza pedagógica ou didáctica.

A partir da entrada em vigor do decreto n.º 53/78 de 31 de Maio que reformulou os cursos da Faculdade de Letras e introduziu uma cadeira intitulada *Inglês IV (Língua e Linguística)*, sobre cuja natureza híbrida e deficitária tive oportunidade de me pronunciar no Relatório elaborado para o concurso para Professor Associado,<sup>3</sup> a linguística inglesa voltou a ocupar um lugar subalterno no elenco curricular dos cursos com variante de Inglês. Embora no espaço lectivo dedicado à linguística alguns docentes tivessem leccionado programas de história da língua inglesa, pessoalmente suspendi o ensino de tal matéria, por considerar, na altura, de maior utilidade retomar os estudos descritivos, numa perspectiva contrastiva, com vista à percepção do diferente funcionamento das duas línguas em confronto, à preparação de materiais didácticos e à análise do erro, aspectos fundamentais na formação dos professores, que continuavam a carecer de qualquer leccionação pedagógico-didáctica.

Após esta breve resenha histórica do que foi o ensino das matérias linguísticas, no âmbito da Filologia Germânica, primeiro, e da Anglistica, depois de 1974, resta examinar a situação actual.

No plano curricular, a vigorar desde a aprovação da Portaria n.º 852/87 atrás referida, e da inteira responsabilidade da Escola, pela primeira vez se tornou patente como os mentores da reestruturação assumiram a importância da Linguística no quadro da formação dos futuros docentes, aliás a principal preocupação demonstrada também pelas autoridades governamentais, que nessa mesma Portaria aprovaram a introdução daquilo que é hoje apelidado de Ramo Educacional, expressamente orientado para a formação profissional para a docência.

Foi assim possível autonomizar-se o ensino das matérias pedagógicas e didácticas, que ocupavam porventura espaço lectivo em outras cadeiras, e devolver, sobretudo à Linguística, o lugar relevante de direito em qualquer curso base de licenciatura em línguas e literaturas, conducente ou não à preparação para a docência.

Como é sabido, além da disciplina propedêutica de *Introdução aos Estudos Linguísticos*, já existente, introduziu-se a *Linguística Inglesa I*, como

cadeira obrigatória e cujo conteúdo programático se identifica com uma análise descritiva do funcionamento da língua inglesa, ensinada de uma perspectiva prática, e em seis horas semanais, no *Inglês I, II e III*; deu-se a possibilidade aos alunos do 4.º ano dos cursos com a variante de Inglês, que em particular se interessassem pelas matérias linguísticas, de escolherem como opção, além do *Inglês IV*, a *Linguística Inglesa II* cujo programa, mais especializado, tem variado com as abordagens preferidas e adoptadas pelas respectivas orientadoras; enfim, foi autonomamente consignada, no elenco do 4.º ano, a *História da Língua Inglesa*, parecendo à primeira vista que se recuperava uma matéria obsoleta, metodologicamente ultrapassada e desprovida de interesse formativo.

Esperamos, porém, que com as considerações a seguir formuladas fique cabalmente demonstrada a relevância de tal disciplina no plano curricular das licenciaturas em línguas e literaturas modernas,<sup>4</sup> mormente no 4.º ano, o que permite que a cadeira, além do valor informativo e formativo que intrinsecamente possui, adquira ainda uma função integradora dos vários níveis de saber (linguísticos, literários e socio-culturais), apreendidos em anos anteriores, e agora revisitados de outra perspectiva.

Como já em outro lugar escrevi, o ensino da *gramática*, em moldes tradicionais, foi quase abandonado pelos professores de línguas que, na sequência do desenvolvimento e aplicação, primeiro, dos métodos directos, (já nas décadas iniciais deste século) e depois dos métodos audio-orais ou audio-linguais (nos anos cinquenta e sessenta), passaram a considerar prioritárias as práticas de oralidade, de acordo com as teorias de que a aprendizagem de uma língua é muito mais um processo indutivo do que dedutivo. Todavia, em anos recentes, tem-se notado uma mudança de atitude entre os linguistas que se dedicam ao estudo de modelos de ensino duma língua, revelando aqueles uma posição mais equilibrada, na medida em que já aceitam uma melhoria de resultados quando se combinam métodos indutivos e dedutivos. De facto, a aprendizagem de uma língua (materna ou estrangeira) não é apenas um processo mecânico de formação de hábitos, mas antes um processo que implica a cooperação do indivíduo que aprende, como ser racional. Daí que o ensino /aprendizagem

de uma língua, apesar de constituir um processo fundamentalmente indutivo, baseado na apresentação de dados, possa beneficiar de explicações científicas e lógicas adequadas às diferentes situações.<sup>5</sup> Daí também que se tenha voltado a defender o ensino explícito da gramática, por algum tempo proscrito da sala de aula.

Assim, torna-se óbvio que a explicitação da gramática, e mesmo a delimitação dum programa, o método a adoptar, a preparação dos materiais de ensino pressupõem de certo aptidões pedagógico-didáticas e conhecimentos linguísticos vastos e sólidos por parte do docente. Nesta perspectiva, afigura-se-nos vantajosa a introdução de estudos de história da língua - que é também história da cultura e da literatura, por maioria de razão, - num *curriculum* académico que prossegue, em última análise, a formação dos futuros docentes de línguas.<sup>6</sup>

Atendendo às considerações acabadas de apontar, voltei a encarregar-me do ensino de uma turma de *História da Língua Inglesa*, no quadro do elenco curricular ainda em vigor, tendo como objectivo primordial não o estudo histórico-descritivo do inglês, desligado da realidade actual e ficando-se pelo enunciado de factos e fenómenos reproduzidos de qualquer manual, mas **a sua aplicação ao ensino da língua e à formação para a docência**. Com efeito, uma vez que voltou a defender-se a vantagem, e a necessidade até, da descrição explícita da gramática (ainda que em moldes diferentes dos tradicionais) como prática essencial no ensino e aprendizagem da língua materna ou estrangeira, porque não aplicar, sempre que se justifique, também aos estudos gramaticais, e léxico-semânticos, os conhecimentos fornecidos pela história da língua? Tenho defendido que tais conhecimentos, quando devidamente orientados, podem dar resposta adequada às interrogações e constituir um meio para que os estudantes dominem melhor a língua que aprendem. Foi neste pressuposto que elaborei o trabalho atrás citado, *Verbos 'Irregulares' em Inglês*, que orientei três Acções de Formação, no âmbito do programa FOCO, e que tenho delineado a disciplina de *História da Língua Inglesa* e as respectivas aulas teórico-práticas, como adiante se verá. A maior parte das considerações tecidas

encaminham-se precisamente no sentido de explicar, com rigor histórico e linguístico, aquilo que nas gramáticas normativas tradicionais é apresentado como 'excepções' às regras ou, mesmo nas gramáticas descritivas mais recentes, surge como um conjunto de processos 'irregulares'.<sup>7</sup>

É verdade que numa descrição do inglês actual, muitos traços estruturais, sobretudo morfológicos, aparecem como marginais a um sistema regular, mas também não é menos certo que, quando se estudam textos de épocas recuadas, se verifica que as 'irregularidades' gramaticais de hoje constituíam as regularidades de outrora. Ou seja, as excepções não passam de formas muito antigas ou residuais, que poderíamos designar por fósseis linguísticos, conservadas inesperadamente na língua até hoje.

Além disso, também a história léxico-semântica, enquanto reflexo da história política, social e cultural, justifica, pelo menos, a riqueza sinonímica e a variedade de registos, que costumam ser apontadas como caracterizadoras da língua inglesa.

Depois destas considerações prévias sobre a história da própria disciplina na Faculdade de Letras de Lisboa e sobre a minha intervenção neste âmbito, passamos a apresentar o programa que, nas suas linhas gerais, tem sido seguido nos últimos anos. Algumas diferenças que, na prática lectiva, se têm verificado derivam do número (por vezes) excessivo de alunos por turma, que têm oscilado, nos últimos anos, entre os trinta e os cinquenta e cinco, de ênfases colocadas diversamente em pontos da matéria ou da introdução de experiências que se revelam produtivas. Entre elas, notar-se-á que, embora apoiado na bibliografia clássica da especialidade, tal programa representa uma elaboração pessoal das matérias e respectiva comunicação pedagógica bem como uma oportunidade para a produção de materiais didácticos originais apurados ao longo de anos de docência e já experimentados, com resultados positivos, nas condições concretas da sala de aula. Também no desempenho de funções de coordenação científica e pedagógica desta disciplina, tem sido facultado tal material aos mais jovens docentes da especialidade no Departamento.



# Programa

O programa tal como tem sido distribuído aos alunos no início do ano lectivo através do *Guia* publicado pelo Departamento é assim sucintamente formulado:

## História da Língua Inglesa

1. INTRODUÇÃO: Variação linguística e variação diacrónica.  
Discussão e definição de conceitos de linguística histórica.
2. HISTÓRIA EXTERNA DA LÍNGUA INGLESA: Evolução léxico-semântica como reflexo da história política, social e cultural da Grã-Bretanha. Das origens germânicas à universalização nos nossos dias.
3. HISTÓRIA INTERNA DA LÍNGUA INGLESA: Evolução fonológica e gramatical como consequência das características intrínsecas da língua. Do sintetismo ao analitismo.

### Bibliografia sumária

- The Oxford Companion to the English Language*. Ed. Tom McArthur. Oxford: University Press, 1992.
- The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Ed. David Crystal. Cambridge: University Press, 1995.
- The English Language*. Ed. W. F. Bolton and David Crystal. Vol. 10 of *The Penguin History of Literature*. Harmondsworth: Penguin Books, 1993.

- Baugh, Albert C. *A History of the English Language*. 2nd ed. London: Routledge & Kegan Paul, 1959. (A. C. Baugh and Thomas Cable, 3rd ed., 1978).
- Burchfield, Robert. *The English Language*. Oxford: University Press, 1985.
- Burnley, David. *The History of the English Language. A source book*. London: Longman, 1992.
- Freeborn, Dennis. *From Old English to Standard English. A Course Book in Language Variation across Time*. London: Macmillan, 1992.
- Potter, Simeon. *Our Language*. Harmondsworth: Penguin Books, 1950.
- Pyles, Thomas. *The Origins and Development of the English Language*. 2nd ed. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.
- Strang, Barbara. *A History of English*. London: Methuen, 1970.
- The Cambridge History of the English Language*.  
Vol. I *The Beginnings to 1066*. Ed. Richard M. Hogg.  
Vol. II *1066-1476*. Ed. Norman Blake. Cambridge: University Press, 1992.  
Vol. V *English in Britain and Overseas. Origins and Development*. Ed. Robert Burchfield. Cambridge: University Press, 1994.

*Material fornecido pela docente:* Inclui material fotocopiado de livros e julgado pertinente para apoio e comentário nas aulas e outro de carácter original elaborado expressamente para os alunos. Ambos surgirão em anexo ao presente Relatório.

Esta Bibliografia seleccionada é descrita aos alunos, fazendo referência à extensão, importância e significado de cada uma das obras, mencionando aquelas que se destinam à consulta de certas partes ou capítulos pertinentes para o esclarecimento de algumas questões ou para o estudo aprofundado e mais desenvolvido de outras e aconselhando finalmente a leitura integral das obras que, por constituírem estudos breves, são acessíveis e fornecem aos leitores uma visão genérica e completa da história da língua inglesa.

Entre as primeiras, situam-se a história de A. C. Baugh que, apesar de antiga, continua a constituir um marco importante na literatura da especialidade e uma referência constante na formação do meu próprio pensamento; a obra de Pyles, muito útil sobretudo para o estudo da história interna da língua, é acompanhada de um livro de exercícios de óbvia pertinência pedagógica:



e ainda a história de Barbara Strang, talvez das primeiras a tomar em consideração a universalização da língua inglesa e adoptando o método, inédito, de seguir uma ordem cronológica regressiva.

Entre as segundas, mencionam-se os livros de Potter, Burchfield, Burnley e Freeborn, qualquer deles sínteses bem feitas da história da língua inglesa, com o valor acrescentado para as duas últimas por incluírem muito material didáctico e conjuntos de textos, que têm sido largamente utilizados.

A *Cambridge History of the English Language* é um trabalho monumental, ainda não completamente publicado, e que se destinará sobretudo a alunos da pós-graduação, embora pareça pertinente surgir já como referência nesta Bibliografia.

Depois de uma aula de apresentação, do preenchimento de fichas por parte dos alunos e de informações gerais sobre o funcionamento do ano lectivo e normas de avaliação, passa a comentar-se e a explicar-se a formulação sucinta do programa. Com isto, pretende-se que, desde o início, o aluno possa dispor duma visão global e sintética da disciplina. Mais adiante surgirão desenvolvimentos os pontos do programa correspondentes às aulas, a bibliografia respectiva e a indicação dos materiais de apoio.

**1.** O ponto introdutório tem por objectivo esclarecer a metodologia histórica ou diacrónica, opondo-a a uma metodologia sincrónica, e chamando a atenção para o princípio de variação linguística, “fenómeno pelo qual determinada língua nunca é, numa dada época, lugar e grupo social, igual ao que era numa outra época, num outro lugar e num outro grupo social.”<sup>8</sup>

Nesta sequência, recordam-se estudos eventualmente realizados na cadeira propedêutica de *Introdução aos Estudos Linguísticos*, referindo a variação diacrónica, a variação diatópica e a variação social ou diastrática como objecto de estudo, respectivamente da linguística histórica, da geografia linguística e da dialectologia e da sociolinguística. Estas noções, recordadas ou aprendidas de novo, são esclarecidas através de abundante exemplificação que remete para a realidade actual e, em primeiro lugar, para a língua portuguesa, a que os alunos melhor conhecem, mas também para o inglês, comum a todos eles, ou ainda para o alemão, francês, espanhol, etc.

A estes tipos de variação linguística colectiva, do domínio da *langue*, acrescentam-se outros de tipo individual, do domínio da *parole*, dependentes da idade, do sexo, do grau de instrução e cultura, etc.

No âmbito desta secção introdutória, referem-se ainda causas genéricas de mudança linguística, que se repartem por **causas extrínsecas** e **causas intrínsecas**.

Entre as primeiras apontam-se, por exemplo: a situação geográfica de uma dada comunidade linguística; eventuais condições climatéricas a que está sujeita; os contactos com outros povos e línguas, inscrevendo-se aqui a definição dos conceitos de **substrato** e **superstrato**; acontecimentos da sua história política, social e cultural como factores dinâmicos de mudança linguística.

As segundas, específicas de cada língua, e mais difíceis de enunciar de uma forma genérica, relacionam-se com a própria natureza ou tipologia dessa língua e suas idiosincrasias, como adiante havemos de particularizar e desenvolver quando nos ocuparmos do caso inglês e da sua estrutura morfo-sintáctica.

Ao abrigo das causas de natureza intrínseca encontram-se as mudanças fonéticas ou fonológicas que consistem nas evoluções operadas no sistema sonoro de uma língua e provocadas quer pelo contexto quer por **analogia**. Exemplos de mudanças fonéticas dependentes do contexto são os fenómenos de **assimilação**, **dissimilação**, **diferenciação** e **metátese**.

Tratando-se da cadeira de *História da Língua Inglesa*, é natural que se dedique particular atenção à variação diacrónica, ressaltando a possibilidade, verificável, de a geografia linguística, a dialectologia, a sociolinguística, mas também a história da literatura e de outras manifestações culturais prestarem a sua colaboração a esta disciplina.

Por razões metodológicas, pedagógicas e didácticas, o ponto 2 e o ponto 3 do programa são referidos separadamente, nesta primeira apresentação, ainda que, na prática, as duas perspectivas não sejam dissociáveis, decorram paralelamente e até se completem, como veremos.

**2.** Ao mencionar a **história externa da língua inglesa**, temos em mente estudar os acontecimentos de carácter político e socio-cultural ocorridos na Grã-

-Bretanha ao longo de séculos e que condicionam a evolução léxico-semântica e nela se reflectem. Nesta perspectiva são estudados os vários estratos do vocabulário, devidos às diversas influências sobre ele exercidas e provenientes não só de confrontos beligerantes com outros povos, mas também resultantes de um diálogo cultural bem cedo iniciado com o continente europeu e mais tarde aprofundado com o resto do Mundo. Em suma, a história externa do inglês corresponde ao percurso que vai das origens germânicas, no séc. V, até à sua universalização progressiva nos nossos dias.

**3.** Finalmente, ao estudar a **história interna da língua inglesa** preocupamo-nos com as modificações estruturais, fonológicas e gramaticais, que são, em primeiro lugar, resultado das características intrínsecas do inglês e, em última análise, decorrem também das condições criadas pelos acontecimentos políticos e socio-culturais atrás referidos que, de um modo geral, favorecem ou são factor de aceleração de tendências próprias. Em resumo, a história interna do inglês corresponde à evolução da língua que, de estruturalmente sintética, se transforma na mais analítica da Europa.

Atendendo ao carácter introdutório das primeiras aulas, também aqui se definem, caracterizam e desenvolvem os conceitos de **línguas sintéticas** e **línguas analíticas** e, mais uma vez, se apontam exemplos concretos ilustrativos dos processos estruturais respectivos, recorrendo aos que os alunos melhor devem conhecer e retirados do latim, alemão, português, francês e inglês.

Sem pretender estabelecer em pormenor a distribuição da matéria e da avaliação pelas aulas de que dispomos ao longo do ano lectivo (entre as 80 e as 100 horas), podemos, no entanto, referir que, em geral, o ponto introdutório ocupa entre as 12 e as 16 horas lectivas (6 a 8 aulas); que a história externa e interna da língua, com referências às transformações gráficas, morfo-sintácticas e lexicais e com análises práticas de textos, se inicia ainda durante o mês de Dezembro (1.º período) e se desenvolve por todo o 2.º período (Janeiro, Fevereiro e Março), preenchendo um total de 50 a 60 horas (25 a 30 aulas, incluindo a aula de realização do teste de avaliação, em finais de

Fevereiro); e que, finalmente, o 3.º período (até meados de Junho) é ocupado essencialmente com o estudo da evolução do sistema fonológico, com particular relevância para a *Great Vowel Shift*, principal conjunto de transformações fonéticas responsáveis pela sempre referida discrepância entre pronúncia e grafia. Todo este ponto da matéria, tratado na última parte do ano, por ser talvez o que maiores dificuldades oferece aos alunos, preenche as restantes aulas (cerca de 15, num total de 30 horas), no final das quais se realiza um teste de avaliação.

Se e quando vigorar o sistema semestral, recentemente proposto, espera-se que a longa experiência até agora acumulada permita redimensionar o programa em função do tempo lectivo disponível, gerindo-o com sentido de economia, de modo a minimizar eventuais prejuízos na quantidade e na qualidade do saber ministrado.

# Conteúdos programáticos

## 1. O inglês no quadro das línguas indo-europeias e germânicas.

O conceito de *indo-europeu* ( ou *línguas indo-europeias* ). Fragmentação do indo-europeu ou formação das línguas indo-europeias. Teorias explicativas: *Stammbaumtheorie*, *Wellentheorie*, etc.

Os grupos linguísticos do indo-europeu e as línguas derivadas.

Grupo de línguas *satem*: índico, iraniano, traco-frígico, ilírico, balto-eslávico.

Grupo de línguas *centum*: tocárico, hitita, helénico, itálico, céltico, germânico.

Línguas derivadas do índico: sânscrito ( o valor e significado da sua descoberta na reconstituição do proto-indo-europeu ); hindu, bengali e romani.

Línguas derivadas do iraniano: avesta ( persa antigo ); persa moderno.

Língua derivada do traco-frígico: talvez o arménio.

Língua derivada do ilírico: provavelmente o albanês.

Línguas derivadas do báltico: letónico ou lético; lituaniano; antigo prussiano.

Línguas derivadas do eslávico: russo, bielorusso e ucraniano ( grupo oriental ); polaco, eslovaco e checo ( grupo ocidental ); búlgaro, eslovenico, servo-croata ( grupo meridional ).

O tocárico e o hitita são recentes descobertas do início deste século de que apenas se possuem fragmentos e constituem verdadeiras línguas *mortas* por não serem representadas na actualidade.

Línguas derivadas do helénico: jónico-ático, dórico e eólico ( dialectos do grego antigo ); grego moderno.

Línguas derivadas do **itálico**: **latim**; e desta as línguas românicas ou neolatinas: romeno, italiano, **francês**, provençal, catalão, espanhol, **português**.

Línguas derivadas do **céltico**: bretão (ainda residual na Bretanha francesa); o **galês** (do País de Gales); o Cornish (dialecto, morto desde o séc. XVII, e falado na Cornualha); **gaélico** (da Escócia e da Irlanda) e o Manx (da Ilha de Man).

Línguas derivadas do **germânico**: gótico (língua extinta no séc. XVI, representante do ramo oriental, e conhecida através de fragmentos dos Evangelhos do séc. IV, na versão atribuída ao Bispo Wulfila); islandês, norueguês, sueco e dinamarquês (do ramo nórdico); **alemão**; neerlandês; flamengo; frisico; **INGLÊS** (do ramo ocidental).

Este ponto é comentado com algum desenvolvimento a partir da análise das figuras constantes dos Anexos 1, 2 e 3 e reproduzidas, respectivamente das obras de Thomas Pyles;<sup>9</sup> de Robert J. Jeffers and Ilse Lehiste;<sup>10</sup> e de Fernand Mossé.<sup>11</sup>

O comentário visa levar os alunos a compreender as relações de afinidade entre as línguas, sobretudo entre o inglês e o alemão, o francês e o português; fornece informações sobre a sua localização geográfica, a sua história e desenvolvimentos modernos; em complemento, menciona características estruturais. No que se refere ao chamado germânico primitivo ou comum, são enunciados os principais traços de diferenciação e individualização no quadro das línguas indo-europeias:

1. A primeira permutação das consoantes, conjunto de alterações fonéticas que modificou todo o sistema consonântico indo-europeu.

2. Fixação do acento de intensidade na sílaba do radical da palavra, por oposição à natureza móvel e à qualidade musical do acento indo-europeu.

3. A conjugação fraca dos verbos, com a introdução de um sufixo com uma consoante dental (-*d*- em inglês, -*t*- em alemão), em resultado da fixação do acento e, portanto, do não funcionamento das regras apofónicas pelas quais se regia o sistema verbal indo-europeu.

Materiais: Anexos 1, 2 e 3.

Referências bibliográficas: Além das obras referidas nas notas 9, 10 e 11, cf. ainda A. C. Baugh, *A History of the English Language*, cap. 2, 'The Indo-European Family of Languages.'

## 2. Pré-história do inglês

Invasões germânicas, a partir do séc. V ( 449 ). Principais grupos étnicos: Jutos, Saxões e Anglos. Sua distribuição geográfica na Grã-Bretanha e dialectos ( já em OE ) derivados do germânico ocidental: *Northumbrian*, *Mercian*, *West Saxon* e *Kentish*. ( Anexo 4 )

Substratos céltico e latino. Vestígios da permanência céltica, antes do séc.V, principalmente na toponímia. Vestígios do contacto com os romanos- no Continente, primeiro, e na Grã-Bretanha, depois do séc. V: na toponímia e em alguns vocábulos importados do latim, relacionados com a romanização da Ilha. Materiais: Anexo 4. Explicações e comentários.

Exemplificação: São de origem céltica, os topónimos **London**, **Thames** ou **Avon** bem como o elemento radical de cidades como **Winchester**, **Gloucester** ou **Lancaster**, sendo por sua vez, de origem latina o segundo elemento **-chester**, **-cester** ou **-caster** ( < OE **ceaster**, 'city' < lat. **castra**, 'acampamento' ).

Referências bibliográficas:

Para mais exemplos, cf. A. C. Baugh, *A History of the English Language*, §§ 54, 55 e 59;

Mary S. Serjeantson, *A History of Foreign Words in English* ( London: Routledge & Kegan Paul, 1965 ) 55 ss. E em especial Appendix A 271-92.

## 3. História da língua inglesa

Períodos da história da língua inglesa: *Old English/Antigo Inglês* ( séc. VII-1100 ); *Middle English / Médio Inglês* ( 1100-1450 ); *Modern English / Moderno Inglês* ( 1500 - ).

Problemática teórica da periodização em história geral e suas variantes, nomeadamente em história da cultura e história da língua. ( Des ) sincronização da mutação histórica na variedade dos espaços geográficos e das representações simbólicas.

Pertinência da aplicação das balizas cronológicas da história inglesa à história da língua. Acontecimentos e fenómenos determinantes dos cortes periodológicos, que, embora convencionais, não são arbitrários: o fim do período Old English e o princípio do período Middle English é marcado pela Conquista Normanda, no plano histórico, político, social e cultural. O fim do período Middle English e o início do período Modern English é marcado pela introdução da imprensa, no plano histórico-cultural.

No plano linguístico, tanto no que se refere à estrutura gramatical como no que toca ao léxico, os três períodos mencionados apresentam características próprias e são descritos, por razões metodológicas, em fases sincrónicas sucessivas, idealizadas como homogéneas e uniformes.

Assim, o **Old English (OE)** apresenta-se morfologicamente como uma língua sintética, com flexões nominais e verbais variadas manifestadas em vogais átonas de diversos timbres: é o período de *full endings (inflections)*. (Anexo 5) O quadro dos principais paradigmas gramaticais do Old English é extraído da obra de Fernand Mossé, *Manuel de l'Anglais du Moyen Age*<sup>12</sup> e é extensa e pormenorizadamente analisado e explicado aos alunos, levando-os a conhecer a variedade e multiplicidade das declinações dos substantivos e chamando sobretudo a atenção para as que, sendo paradigmas regulares, subsistem hoje como as chamadas 'excepções.' Fazem-se notar, por exemplo, a declinação consonântica, fraca, caracterizada pelo morfema *-an*, e a que pertence o plural *oxen*; os temas-raízes de plural metafónico, ainda hoje prevalentes em *man / men, foot / feet*, etc.; e os substantivos, de género neutro, que já em OE constituíam um grupo diminuto, e cujo plural se caracteriza pela consoante temática *-r* ainda presente em *children*.

Do mesmo modo se fazem notar as declinações forte e fraca do adjectivo, também variável em género e número (tal como em alemão); as declinações dos pronomes pessoais, do artigo definido, do demonstrativo e do pronome interrogativo.

No que se refere aos paradigmas verbais, também os comentários suscitados pelo quadro do Anexo 5 são extensos e pormenorizados. Estabelecem-se



as diferenças entre as classes dos verbos fortes e verbos fracos; referem-se os vários tempos ( presente e pretérito ) e modos ( indicativo, optativo e imperativo ); mencionam-se as formas de singular e de plural e as não-finitas; analisa-se, por fim, o verbo BE, cuja variedade formal ainda hoje revela forte conservadorismo: nas formas derivadas dos diferentes temas, na oposição entre singular e plural do pretérito, na permanência do optativo presente como forma diferenciada.

Dadas as características morfológicas, a ordem sintáctica revela-se muito flexível como se demonstra pelos vários tipos de frase frequentes:

S V O a ordem normal em orações principais simples;

V S ( O ) a ordem inversa, nas frases interrogativas, nas iniciadas por partícula negativa e mesmo em orações principais quando, por razões de ênfase, se colocam em primeiro lugar sintagmas com funções diferentes das do sujeito;

S O V a ordem transposta sobretudo em orações subordinadas.

Lexicalmente, a língua apresenta-se ainda muito homogénea, com vocabulário de origem germânica e apenas alguns empréstimos latinos, provenientes de contactos dos germanos com os romanos, ainda no Continente, da romanização e sobretudo da cristianização iniciada a partir dos finais do séc. VI ( 597 ).

Exemplificação: Empréstimos latinos provenientes dos primeiros contactos, ainda no Continente: **camp**, **weall** (> **wall**), **pytt** (> **pit**), **stræt** (> **street**), **mīl** (> **mile**); **pund** (> **pound**), **mynet** ('**coin**' > **mint**); **win** (> **wine**); **cytel** (< **lat. catillus** > **kettle**), **mēse** ('**table**'); **cycene** (< **lat. cocina** > **kitchen**), **cuppe** (< **lat. cuppa** > **cup**), **disc** (< **lat. discus** > **dish**); **ciese** (< **lat. caseus** > **cheese**); **cealc** (> **chalk**). etc.

Empréstimos latinos por transmissão céltica: **ceaster** (< **lat. castra** já referido); **port** (< **lat. portus** e **porta**), **munt** (< **lat. möns, montem**), **wic** (< **lat. vicus**, '**village**'). etc.

Empréstimos de origem latina relacionados com a nova religião cristã, a liturgia e os actos de culto bem como com a influência exercida pela igreja

na vida doméstica das populações ou na educação: **abbot, altar, angel, ark, candle, canon, chalice, cleric, deacon, epistle, hymn, martyr, mass, minster, nun, offer, palm, pope, priest, psalm, relic, temple; cap, sock, silk, chest; beet, caul ('cabbage'), pear, oyster, lobster; pine, lily, mallow; plant; school, master, verse, meter, gloss;** etc.

Para mais exemplos, cf. A. C. Baugh, *op. cit.*, §§ 58-62.

Também do ponto de vista gráfico, os textos em OE revelam algumas particularidades que mais tarde desaparecem: embora a escrita, introduzida pelos monges missionários responsáveis pela cristianização, utilize o alfabeto latino, também faz uso de alguns símbolos que representam sons não existentes em latim. São característicos dos textos em OE o < æ > (*ash*), que transcrevia a vogal palatal semelhante à que ainda hoje persiste, por exemplo, em *cat*, o < þ > (*thorn*) e o < ð > (*eth*) que transcreviam indiscriminadamente ora a fricativa interdental surda ora a sonora.

Finalmente, esclarece-se o significado do conceito de Old English, uma língua ainda não unificada, mas antes um conjunto de dialectos: os relacionados com as diferentes tribos invasoras e referidos no Anexo 4. Nesta sequência, é mencionada a situação específica do *West Saxon (Anglo-Saxon)* que assumiu, pelo menos a partir do séc. IX e da acção cultural do Rei Alfredo (871-899), o papel de língua literária comum. Este dialecto, socialmente dignificado e culturalmente prestigiado, deu nome à própria literatura da época, e nele se encontram escritos os principais textos poéticos chegados até nós e que constituem, afinal, uma parte substancial das próprias fontes históricas do inglês e do seu passado cultural e poético. São, neste contexto, recordados: o poema heróico *Beowulf*, as elegias tradicionalmente referidas como *Wanderer*, *Seafarer*, *Deor*, *Wife's Lament*, *Husband's Message*, *Ruin* e ainda os *Charms* e *Riddles*, manifestações da poesia aliterativa herdada dos germanos. Também constituem fontes históricas do inglês as traduções, sobretudo de textos bíblicos, bem como o conjunto de poemas de inspiração heróico-cristã e em forma aliterativa, atribuídos à escola de Caedmon e Cynewulf.

Materiais: Anexos 4 e 5.

Referências bibliográficas: Além das já mencionadas obras de A. C. Baugh e Mary S. Serjeantson, recomenda-se a leitura das páginas introdutórias ao capítulo referente ao *Old English* (pp.1-6) da obra de David Burnley, que constituem um bom resumo da matéria analisada nesta secção.

O **Middle English (ME)** é o período de *levelled endings (inflections)*, quando quase todas as vogais átonas, por virtude do acento inicial de intensidade, e em especial as desinências de função gramatical, se encontram reduzidas à vogal central e média /ə/, tendo, por isso, perdido o seu significado morfológico diferenciador. (Anexo 6) Esta situação implica várias consequências: acentuado declínio das flexões nominais, adjectivais e verbais; grande número de verbos fortes submetido à conjugação dos verbos fracos; perda do género gramatical; desenvolvimento do uso de preposições e de verbos auxiliares; menor flexibilidade da ordem sintáctica e conseqüente maior importância conferida ao morfema posicional. Deve notar-se que as tendências evolutivas do OE como língua germânica, já manifestadas antes mesmo da Conquista Normanda, foram aceleradas pelo contacto com os escandinavos, primeiro, e com os normandos, depois.

Lexicalmente, a língua demonstra a assimilação que fez, por um lado, de palavras de origem escandinava de uso quotidiano e entradas na sequência das invasões dos *vikings* verificadas ao longo dos séculos VIII, IX e X. Por outro lado, o inglês também já incorporou sobretudo o grande contingente de vocábulos de origem franco-normanda, relacionados com a administração e o governo, com a igreja, com o sistema judicial, com o exército e a marinha, com a moda, as refeições e a vida social, com a arte, a cultura e a medicina, tendo por outro lado abandonado muitos lexemas do OE e perdido, a este nível, a sua especificidade germânica.

Exemplificação: Especificidade dos empréstimos de origem escandinava: nomes, adjectivos e verbos de uso quotidiano: empréstimos gramaticais.

Recomenda-se, em especial, a consulta e leitura da obra de A. C. Baugh mencionada. §§ 67 - 80.

Sobre os empréstimos de origem franco-normanda, ver também A. C. Baugh, *op. cit.*, §§123 ss. ; Mary S. Serjeantson, *op. cit.*, 104 ss.

Do ponto de vista gráfico, e também como consequência directa da influência franco-normanda, os textos mostram que a interdental surda e sonora surge consistentemente grafada < th >, a fricativa velar surda com < gh > ou ainda com < ȝ > (= yogh), já documentado em OE; que / u: / é grafado < ou > e as vogais desinenciais, niveladas, quase sempre com < e >.

Seguindo uma comparação com o período anterior, também se esclarece o significado de ME, que continua a representar um conjunto de dialectos ( *Northern, East Midland, West Midland, Southern* ou *South Western* e *Kentish* ou *South Eastern*) (Anexo 7) com uma distribuição geográfica não totalmente idêntica à do OE, uma importância documental também diferenciada e sem que nenhum deles assuma papel preponderante.

Nesta sequência, aproveita-se a oportunidade para referir a obra poética dos grandes autores do séc. XIV: Gower, Chaucer (que escreveu em *East Midland*), Langland e o *Gawain-Poet* (que utilizaram variedades do *West Midland*). A utilização da língua inglesa por parte destes autores constitui também motivo de referência no âmbito do processo conducente à afirmação do inglês em detrimento do francês, que fora a língua da elite política, social e cultural desde a Conquista Normanda, e na sequência da ascensão da nova classe burguesa. Materiais: Anexos 6 e 7.

Referências bibliográficas: Além das referidas obras de A. C. Baugh e Mary S. Serjeantson, v. as páginas introdutórias aos capítulos *Early Middle English (1100-1300)* (63-66) e *Later Middle English (1300-1500)* (133-163) da obra de David Burnley, como súmula das matérias estudadas nesta secção.

Acentuando o facto de a mudança linguística não se processar por saltos bruscos, a maior parte dos historiadores da língua inglesa tem defendido a necessidade de reconhecer o período Modern English precedido de uma fase de transição designada por **Early Modern English**, em que se verificam ainda mudanças acentuadas que permitem distinguir essa fase da que se segue aos

meados do século XVIII, que marcaria o início do **Modern English** propriamente dito. São notáveis e notórias as diferenças linguísticas que opõem, de facto, um drama de Shakespeare a um romance de Jane Austen (1775-1817), por exemplo.

Levando em conta critérios diferentes, há os autores que privilegiam as mudanças fonéticas, iniciadas logo após a morte de Chaucer, e que constituem uma efectiva barreira de compreensão entre o Middle e o Modern English, para assinalar o princípio do Early Modern English entre 1400-1450; e outros optam por uma data um pouco mais tardia, colocando o início do período a partir de 1500, ou seja, numa época em que se começam a fazer sentir os efeitos da introdução da imprensa, em 1476.

A publicação do Dicionário de Johnson em 1755 marca o final do Early Modern English, na medida em que representa a consagração do *Standard English*.<sup>13</sup>

Seguindo uma orientação idêntica à dos períodos anteriores, atenta-se nos vários níveis de análise.

Graficamente, os textos revelam ainda grande incongruência e inconsistência: a mesma palavra pode surgir notada de modos diversos, apesar de uma certa regularização esperada com a introdução da imprensa que tendia a utilizar e a divulgar a prática tradicional seguida pela Chancelaria (*Chancery English*), desde cerca de 1430.

Morfologicamente, é o período de *lost endings* (*inflections*). As já diminutas flexões ainda encontradas em ME são agora quase totalmente abandonadas ou reduzidas aos raros morfemas do inglês contemporâneo, com uma ou outra permanência excepcional a denotar o carácter conservador de alguns textos. Como exemplo, note-se a presença da terminação *-eth* da 3<sup>a</sup> p. sing., pres. ind., em particular em formas como *hath* e *doth*, ao lado da desinência *-es*, proveniente do dialecto do norte e já muito frequente em Shakespeare; o desenvolvimento, por analogia, do possessivo *its*, ainda raro em Shakespeare e ausente da *Authorized Version* (onde surge *his*); a substituição da forma de nominativo da 2<sup>a</sup> p. plural *ye* por *you*, mas a conservação, na *Authorized Version*, por exemplo, da forma anterior *thou*, 2<sup>a</sup> p. sing. e das

formas verbais correspondentes com *-est* ou *-t*, o uso de *who* como pronome relativo não surge antes do século XVI e *which* podia ser referido a pessoas ainda em Shakespeare ou na *Authorized Version*; a distinção actual entre pessoal e não-pessoal de *who* e *which* é muito mais tardia. Uso de mais formas verbais perifrásticas, incluindo as construções com *do* que, como auxiliar 'dummy' da frase negativa e interrogativa, só se fixou nos inícios do século XVIII.

Finalmente, o léxico é alargado sobretudo por via do latim, directa ou indirectamente por intermédio do francês, associado ao movimento humanista, às traduções dos textos clássicos e à chamada *Inkhorn Controversy*, questões que mais adiante ainda desenvolveremos.

Referências bibliográficas: David Burnley, *op.cit.*, cap. *Early Modern English (1500-1800)*, (197-201); *The English Language*, ed. W. F. Bolton and David Crystal, cap. 8, *The Later History of English*, I "Early Modern English, 1500-1700" (252-79).

Depois de mencionadas as características gráficas, morfo-sintácticas e lexicais dos períodos históricos do inglês, são dedicadas duas ou três aulas (4 a 6 horas), de carácter essencialmente prático, à análise de várias versões do mesmo texto. Escolhe-se para o efeito um passo da Bíblia, já que esta constitui um documento literário e *linguístico* por excelência em todas as épocas da língua inglesa. Da comparação entre as várias versões resulta a possibilidade de ilustrar, na prática, os processos evolutivos de cada uma das fases da língua. No Apêndice documental, e para exemplificar, encontra-se o Anexo 8, um texto já trabalhado pelos alunos, na aula e em casa, e extraído da obra de David Burnley, *The History of the English Language. A Source Book*, 356-360: Mark 6: 18-30. Da prática levada a efeito em outros anos e do método seguido nas aulas, dei já conta em comunicação apresentada ao XIII Encontro da APEAA<sup>14</sup> e que se baseou em outro *corpus* textual.

Materiais: Anexo 8.

Ao retomar a sequência da história da língua inglesa, depois das aulas práticas de análise de textos que acabámos de referir, ocupamo-nos de três questões fundamentais que percorreram o *Early Modern English*.

Em primeiro lugar, na sequência da introdução da imprensa por Caxton e, portanto, da mais elevada produção de livros e do alargamento da educação a maior número de pessoas, em resultado da melhoria da situação socio-económica de que a classe burguesa usufruía, criaram-se as condições para a instituição de uma língua comum, a caminho da normalização e acima das variedades dialectais. Tal língua comum vem a constituir-se na base do dialecto *East Midland*, mercê do prestígio político, social, económico e cultural de Londres bem como das universidades de Oxford e Cambridge, situadas na mesma área. Em complemento, as características linguísticas daquele dialecto, numa zona geográfica central, contribuíram para que ele assumisse o papel de mediador entre os dialectos do norte e os do sul, absorvendo-lhes as marcas linguísticas diferenciadoras.

Em segundo lugar, e pelo contrário, o renascido interesse pela cultura e literatura da antiguidade clássica, fomenta, em especial, o estudo e uso do latim, de resto, a língua de comunicação cultural, por excelência, pelo menos no meio intelectual, durante a Idade Média. Assim, o latim, prestigiado também pela Igreja e veículo de uma literatura que voltava a despertar a atenção da Europa, constituía o modelo a imitar pelas línguas vernáculas. Contudo, estas pareciam imaturas, quando comparadas com a perfeição atingida pelas línguas clássicas, além de limitadas nos seus recursos e impossibilitadas de exprimir conceitos abstractos. Além disso, a noção de consciência nacional que então se formava, e havia de agudizar-se com o cisma henriquino, propicia a valorização do inglês, defendida pelos puristas, que, por seu turno, além de condenarem toda e qualquer influência estrangeira como barbarismo, ainda viam mérito nos recursos linguísticos nativos do inglês medieval, em especial de Chaucer, entusiasticamente recordado pelo poeta Spenser (1552?-1599). Neste contexto de valorização da língua vernácula, não é de esquecer a importância da vasta produção de escritos teológicos e de toda a literatura panfletária que só em inglês poderia divulgar o ideário reformista.

Entre tais puristas e os eruditos que continuavam a defender o uso do latim por este impedir, por um lado, a perda das suas prerrogativas e da sua

superioridade intelectual sobre os menos letrados, e por outro lado, por ele evitar a trivialização de certas matérias, como a teologia ou a medicina, por exemplo, gera-se a polémica que ficou conhecida como *Inkhorn Controversy* a que Shakespeare alude na figura caricatural de Holofernes, em *Love's Labour's Lost*, nos nomes de Sir John Cheke, Thomas Wilson, Thomas Elyot, Roger Ascham, George Puttenham ou Richard Mulcaster, encontrou o inglês os seus principais defensores.

Em terceiro e último lugar, neste período do *Early Modern English*, verifica-se a preocupação dos homens de letras com três questões concretas e relevantes para a fixação, estabilização e normalização do inglês: o estabelecimento de um sistema gráfico coerente, a definição rigorosa de um vocabulário e a regulamentação da gramática.

No que se refere à questão gráfica, é de recordar a considerável variação dos hábitos de escrita, proveniente da diversidade dialectal, de práticas diferentes dos escribas e copistas, de usos introduzidos pelos normandos, e posteriormente pelos humanistas e, enfim, da grande transformação fonética que a escrita, por mais conservadora, não reflectiu. Não é assim de estranhar o estado caótico, incoerente e instável em que se encontrava o sistema gráfico inglês, em que a escrita da mesma palavra podia variar de autor para autor, no mesmo autor e, em casos extremos, num mesmo texto ou até parágrafo. Por isto, compreende-se e justifica-se, o aparecimento, na segunda metade do século XVI, de um conjunto de obras e autores que apresentaram propostas de reformas ortográficas, tendentes a uma regularidade consistente. Citam-se a este propósito as obras de Thomas Smith (1568), John Hart (1569 e 1570), William Bullokar (1580) e Richard Mulcaster (1582).<sup>15</sup>

No que respeita ao vocabulário, a discussão gerou-se entre os que acreditavam que a língua inglesa possuía as palavras adequadas a um uso literário tal como as línguas clássicas e os que, como John Skelton (1460?-1529), por exemplo, consideravam que ela era, pelo contrário, deficitária, instável e imperfeita. Além disso, ao registar-se um extenso alargamento do léxico, por via



dos empréstimos gregos e latinos, e em virtude das numerosas traduções da Bíblia e da literatura clássica, de italianismos e de galicismos, veiculados pelas traduções de literaturas modernas, e até de vocábulos do castelhano ou do português, provenientes dos contactos com as terras ultramarinas de recente descoberta, surge, em finais do século XVI, a preocupação com a necessidade de definição das palavras 'difíceis' e sua explicação através de vocábulos mais 'fáceis.' Nesse sentido, aparecem então as primeiras publicações que começam por ser meras listas de novos vocábulos, sobretudo de origem estrangeira, e depois se vão alargando para os dicionários universais e por fim aproximando, na organização e concepção, dos modernos dicionários cujo modelo foi certamente instituído pelo *Dictionary of the English Language* ( 1755 ) de Samuel Johnson,<sup>16</sup> o qual tinha como objectivo confesso contribuir para a fixação e estabilização do inglês.

Finalmente, e no que toca à questão gramatical atrás referida, se se recordar que parte do período do *Early Modern English* coincide com um tempo pós-Restauração ( 1660 ) e o seu termo, aproximadamente, com uma data situada na chamada *Augustan Age*, de inspiração neo-clássica e pensamento racionalista, tornar-se-á compreensível que também a regulamentação gramatical do inglês tenha sido uma das preocupações nessa época em que prevalecia um forte sentido de ordem e normatividade. Tal implicava a obediência a um padrão consensualmente reconhecido como sendo de qualidade e instituiu a correcção como ideal a atingir através da formulação de regras e princípios que acabassem com as incertezas e as variações que dominavam o inglês e que já Dryden, em finais do século XVII, condenava.<sup>17</sup>

Assim, pretendendo copiar modelos italianos e franceses, e na esteira de posições já defendidas, por exemplo, pelo mesmo Dryden, John Evelyn ou até Defoe, o século XVIII formulou o desejo de fundação de uma Academia que tivesse por objectivo a normalização, a purificação e fixação da língua inglesa. Embora tal Academia nunca tivesse chegado a ser instituída, autores como Swift, em *Proposal for Correcting, Improving, and Ascertaining the English Tongue* ( 1712 ), George Campbell, em *Philosophy of Rhetoric* ( 1776 ) ou o pró-

prio Samuel Johnson, com o seu *Dictionary* (1755), entre outros, cumprem, de certo modo, essas funções.

A esta cruzada pela regulamentação da língua aderem também os autores das gramáticas que proliferam sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII e se instituem como as primeiras obras prescritivas. Entre outras podem citar-se as de Joseph Priestley, *The Rudiments of English Grammar* (1761), Robert Lowth, *Introduction to English Grammar* (1762), James Buchanan, *The British Grammar* (1762) e Noah Webster, *A Grammatical Institute of the English Language*, segunda parte (1784) que conheceu grande prestígio na América e em Inglaterra.

Referências bibliográficas: Esta parte da matéria vem particularmente bem desenvolvida e aprofundada, em A. C. Baugh, *op. cit.*, cap. 9, "The Appeal to Authority, 1650-1800." 306 ss.

Cf. também a entrada *Grammar*, em *The Oxford Companion to the English Language* e W. F. Bolton, *A Short History of Literary English*, cap. 7, "The Eighteenth Century," 46 ss.

Os historiadores que, como David Burnley, consideram o **Modern English** dividido em dois sub-períodos, apontam o ano de 1800 ou 1755 (data da publicação do *Dictionary* de Johnson) como a baliza cronológica para o final do Early Modern English. Mesmo A. C. Baugh que, depois do Middle English, não utiliza as expressões classificatórias comuns, mas prefere apresentar o Early Modern English (sem propriamente assim o designar) sob os títulos de "The Renaissance, 1500-1650" (cap. 8) e "The Appeal to Authority, 1650-1800" (cap.9), também acaba por fazer passar pelo final do século XVIII a fronteira cronológica entre os dois sub-períodos.

E o que é habitualmente apelidado de **Modern English**, propriamente dito, situa-se a partir do século XIX, ou, na designação de Baugh para o cap. 10, "The Nineteenth Century and After."<sup>18</sup>

A partir do século XIX, efectivamente, o inglês atingiu a regularidade, a estabilidade e a uniformidade características de uma língua *standard* que beneficiou do grande alargamento da educação e do desenvolvimento dos meios de comunicação.

Estabilidade não significa, porém, estagnação e a uniformidade não exclui a variedade e a variação que são próprias de uma língua viva. Assim, o léxico não deixa, como é natural, de aumentar. Por um lado, recorre, como em outras épocas, aos empréstimos, constituindo as línguas clássicas, grego e latim, fontes de inesgotável enriquecimento; em menor escala embora, também as línguas modernas contribuem para a expansão vocabular do inglês. Por outro lado, a língua aproveita as suas próprias capacidades para criar novos termos: a derivação, por afixos, e a composição por justaposição de elementos (de resto, um processo genuinamente germânico) são muito comuns. Também frequente e típica do inglês é a formação de novos vocábulos por *conversão*, ou seja, por transferência de uma palavra de uma categoria gramatical para outra (*face / to face*). Ainda que de carácter mais limitado e acima de tudo mais coloquial são as abreviações (*shortenings*) (*bus, pub*), as amálgamas (*blends*) (*motel, brunch*) e os acrónimos (*NATO, radar*).

No que se refere à estrutura morfo-sintáctica, apenas se podem apontar evoluções menores. São de referir, a propósito, e por exemplo, as mudanças verificadas no uso dos verbos auxiliares modais (generalização de *can* e *will*), na formação dos graus dos adjectivos (predomínio do processo analítico), no emprego alargado do chamado *caso possessivo*, etc.

Finalmente e dada a expansão da língua inglesa no mundo, iniciada no século XVII no continente americano e aprofundada, nos séculos XVIII e XIX, nos outros continentes do globo, não é de estranhar a variação e a variedade a que o inglês está sujeito, revelando sobretudo diferenças fonéticas e lexicais nos domínios onde é falado como língua materna, como segunda língua ou como língua estrangeira de comunicação internacional.

#### **4. História da fonologia inglesa**

Como dissemos atrás, o terceiro período do ano lectivo é ocupado essencialmente com o estudo da evolução do sistema fonológico, com incidência particular no conjunto de fenómenos que a literatura da especialidade costuma designar de *Great Vowel Shift*.

Apesar de os alunos possuírem, em teoria, preparação em fonética e fonologia, proveniente das disciplinas de Introdução aos Estudos Linguísticos e de Linguística Inglesa I, bem como das matérias linguísticas professadas nas outras variantes do curso e constantes dos respectivos elencos curriculares, este último conjunto de aulas é quase sempre precedido por comentários e considerações que visam recordar nos alunos conceitos aprendidos e porventura já esquecidos.

Assim, e em primeiro lugar, chama-se a atenção para princípios básicos de fonética geral, como os que dizem respeito, por exemplo, às classificações dos sons e a uma sumária definição e inventariação dos seus traços pertinentes.

Em segundo lugar, procede-se a uma breve descrição do sistema fonológico inglês, sublinhando algumas das principais características diferenciadoras do português: por exemplo, a oposição fonológica de quantidade vocálica, tendo em vista tornar presentes conceitos operativos necessários ao enunciado das tendências fonéticas verificadas na história do inglês.

Em terceiro lugar, referem-se e definem-se os mais comuns fenómenos de evolução fonética, dando exemplos concretos, em geral verificados na história do português.

Por fim, tecem-se considerações acerca das causas de mudança fonética, difíceis de determinar, sobretudo em relação a um passado que só legou textos escritos, raramente indiciadores ao menos da data exacta em que tal transformação se operou. É sabido que a grafia só regista uma mutação fonética muito tempo depois de ela se verificar na fala.

Depois destas referências gerais, passa-se à análise desenvolvida e pormenorizada dos esquemas preparados para uma melhor apreensão da matéria, e constantes do Anexo 9.

Em vez da descrição tradicional dos fenómenos evolutivos sofridos por cada um dos fonemas vocálicos, seguida em algumas histórias da língua, adopta-se uma perspectiva estruturalista e começa-se por analisar os sistemas vocálicos existentes respectivamente em Proto-germânico, em Old English e em Middle English. A primeira conclusão a tirar parece ser a de que os sistemas vocálicos se estruturam do mesmo modo, que as oposições fonológicas são

idênticas e que nada terá mudado ao longo de séculos. Só na aparência é assim, como adiante se verá.

Passando de seguida à observação do sistema vocálico tónico do Early Modern English e do Modern English, verifica-se que se quebrou o paralelismo, que aqui as mudanças são significativas, que as simetrias deram lugar a assimetrias, que houve, de facto, uma ruptura. Na verdade, a sistemas simétricos de vogais longas e breves corresponde em Modern English um sistema em que a oposição fonológica de quantidade (vogal breve / vogal longa) se resume praticamente às vogais [+altas] i / i: e u / u: e talvez a ɒ/ɔ: [+baixas, +recuadas, +arredondadas]. De resto, temos vogais breves sem as correspondentes longas e vice-versa e surgem no sistema alguns fonemas 'novos' nomeadamente os de articulação centralizante (ɜ:ʌ).

Para justificar a aparente manutenção dos sistemas (atrás referida), passa-se então a enunciar os vários processos evolutivos que afectaram as diferentes vogais ao longo da sua história e que parecem obedecer a movimentos de compensação, no sentido de preservar o equilíbrio sistémico.

Primeiro, são apontadas as evoluções espontâneas (ou não-condicionadas) que atingem as vogais, independentemente do ambiente sonoro em que se encontram. Da análise constante do Anexo 10 nota-se que as vogais breves são mais estáveis do que as longas.

Depois, mencionam-se as evoluções provocadas (ou condicionadas) por circunstâncias relacionadas com o ambiente sonoro em que as vogais se encontram. Da análise constante do Anexo 11, conclui-se que tanto as vogais breves quanto as longas estiveram sujeitas à influência de sons contíguos ou próximos, que sofreram alongamentos ou abreviamentos, etc. Conclui-se, finalmente, que ao longo da sua história o inglês assistiu a grandes transformações vocálicas e que, assim sendo, a chamada *Great Vowel Shift* é apenas uma delas. Ou seja, *vowel shifts* houve várias e a que se processou a partir dos finais do século XIV e princípios do século XV deveria ser, mais rigorosamente, apelidada de *The Greatest Vowel Shift*.

Análises semelhantes são também aplicadas aos sistemas dos ditongos para os quais igualmente elaborámos esquemas que sintetizam os vários

processos evolutivos e nos parecem esclarecedores. (V. Anexos 12 e 13)

Do mesmo modo, examinamos os processos modificadores do sistema consonântico, muito mais estável (ao contrário do que se passa em alemão) do que o vocálico. (V. Anexos 14 e 15)

O pormenor com que esta parte da matéria é ensinada, os abundantes exemplos fornecidos (e que seguem os respectivos Anexos) e os exercícios práticos de aplicação dos princípios teóricos, realizados na aula, justificam-se sobretudo porque é à *Great Vowel Shift* que se fica devendo a acentuada discrepância entre a pronúncia e a grafia do inglês dos nossos dias. Dada a época em que aquele conjunto de fenómenos se processou, coincidente no tempo com uma prática de escrita já relativamente enraizada e depois divulgada pela imprensa e dado que, por norma, a grafia é, em todas as línguas, mais conservadora ou mais lenta na sua evolução do que a pronúncia, não é de estranhar que também o inglês não tivesse fugido à regra. Assim, com algumas (poucas) excepções, os hábitos de escrita, documentados em textos dos finais do século XIV e, em especial, no dialecto *East Midland*, ainda hoje se mantêm, pois foi ignorada a extensa transformação vocálica e mesmo a mais reduzida mudança consonântica entretanto verificada.

No final deste módulo de ensino, que coincide com o termo do ano lectivo, o aluno deverá estar apto a explicar e a justificar as questões, relacionadas com essa dissonância, aliás um dos aspectos de dificuldade no processo de ensino / aprendizagem, com que os estrangeiros - mas também os próprios ingleses - se debatem. Com este objectivo, se elaboraram listas de exemplos em que se apontam as situações de identidade gráfica e variedade fonética e o contrário: a variação gráfica para a mesma pronúncia. (V. Anexo 16)

O texto constante do Anexo 17 tem sido um dos meios pelos quais se testa a capacidade do aluno a este nível.

## 5. Conclusão

Ao longo deste Relatório encontrar-se-ão indicações dispersas sobre os modos de funcionamento da disciplina de que me ocupei. No entanto, não desejaria terminá-lo sem acrescentar ainda algumas considerações, mais sistematizadas, acerca dos métodos utilizados nas aulas e na avaliação dos alunos.

No que se refere à primeira questão, será talvez redundante repetir o que em outro Relatório (o do Concurso para Professor Associado) já desenvolvi. Contudo, poderei explicitar que, dadas as alterações introduzidas desde 1974, na organização e modo de funcionamento das aulas, na Faculdade de Letras em geral e no que é hoje o Departamento de Estudos Anglisticos, em particular, me mantenho fiel aos princípios então formulados e aceites. Assim, e porque considero também aconselhável, as aulas são, na sua grande maioria, teórico-práticas. Há, como é natural, momentos mais ou menos longos de carácter expositivo, sobretudo em aulas introdutórias aos vários pontos da matéria. Todavia, e como se poderá deduzir das múltiplas referências feitas aos Anexos, textuais e esquemáticos, mesmo as exposições de índole teórica têm quase sempre o apoio de muitos exemplos concretos e são acompanhadas de comentários aos materiais seleccionados. É certo que nem sempre todos os alunos querem participar no processo, embora seja minha preocupação constante solicitar a sua colaboração activa, tanto mais quanto é meu propósito tornar presentes e vivas muitas questões do passado só aparentemente obsoletas. Por outras palavras, e tendo em mente teorias recentes sobre mudança linguística, em particular as desenvolvidas por W. Labov nos seus estudos de sociolinguística, é minha determinação estabelecer, em todos os momentos, ligações entre as realidades do nosso presente e o passado que só incompletamente podemos apreender. Os discentes são, assim, levados a compreender que os estudos históricos, subalternizados por vezes como caducos ou desprovidos de interesse, podem iluminar o presente de outros ângulos e, no caso vertente da história da língua, proporcionar explicações rigorosas e científicas para factos actuais.

No que se refere à questão da avaliação dos alunos, continuamos a privilegiar a chamada avaliação contínua, atribuindo relevância à assiduidade

e à participação activa nos comentários colectivos ou a propósito de trabalhos preparados em casa.

Não obstante, e porque o número de alunos impede uma desejável avaliação individual, torna-se inevitável a realização de testes, o que também se revela útil, afinal, pois contribui para outra vertente da formação universitária dos discentes. Na verdade, os alunos são previamente informados acerca dos parâmetros de avaliação e de exigência que serão aplicados aos conteúdos e à organização textual do seu trabalho.

Em primeiro lugar, avalio o grau de pertinência da resposta em relação ao enunciado proposto pois, não raro, o aluno *esquece* a questão formulada e escreve sobre um ponto para esta irrelevante.

Em segundo lugar, ao propor habitualmente uma questão de índole concreta e prática e um tema para desenvolvimento de carácter ensaístico, pretendo avaliar duas competências complementares: por um lado, verificar a simples assimilação dos conhecimentos e testar o domínio do aparelho conceptual e terminológico da linguística histórica; e, por outro lado, apreciar a capacidade de relação e transferência desses mesmos conhecimentos e de outros provenientes de várias disciplinas.

Finalmente, apesar de nos situarmos no domínio dos Estudos Angló-  
ticos, atribuo significado prioritário à utilização da própria língua materna por estudantes (para mais finalistas) de Cursos de Letras e valorizo sobremaneira o amadurecimento revelado pela estruturação de um texto correctamente escrito em português.



## Bibliografia

As referências bibliográficas que se seguem incluem não só as obras indicadas aos alunos juntamente com o programa, mas também aquelas que, directa ou indirectamente, contribuíram para a elaboração deste Relatório. A sua apresentação bem como as notas incluídas no texto seguem de perto as normas estabelecidas por *MLA Handbook for Writers of Research Papers*. Fourth Edition by Joseph Gibaldi. New York: The Modern Language Association of America, 1995.

### Obras de Referência

*Dicionário de Termos Linguísticos*. Associação Portuguesa de Linguística / Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Org. Maria Francisca Xavier e Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Edições Cosmos, Vol. I, s.d.; Vol. II, 1992.

*The Oxford Companion to the English Language*. Ed. Tom McArthur. Oxford: University Press, 1992.

*The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Ed. David Crystal. Cambridge: University Press, 1995.

### Linguística Histórica

Aitchison, Jean. *Language Change: Progress or Decay?* London: Fontana Paperbacks, 1981.

Bynon, Theodora. *Historical Linguistics*. Cambridge : University Press, 1977.

Castro, Ivo. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta 1991.

Hock, Hans Henrich. *Principles of Historical Linguistics*. 1986. 2nd ed. rev. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

Jeffers, Robert J. and Ilse Lehiste. *Principles and Methods for Historical Linguistics*. 1979. Cambridge, Mass. : The MIT Press, 1992.

Keller, Rudi. *On Language Change. The invisible hand in language*. 1990. Trad. Brigitte Nerlich. London: Routledge, 1994.

Labov, William. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1 Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

- Maia, Clarinda de Azevedo. "Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre *português arcaico* e *português moderno*." *Diacrítica* 10 (1995) : 3-30.
- Marquilhas, Rita. "Mudança linguística." *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Org. Isabel Hub Faria *et al.* Lisboa: Caminho, 1996. 563-88.
- Milroy, James. *Linguistic Variation and Change. On the Historical Sociolinguistics of English*. Oxford: Blackwell, 1992.
- Weinreich, Uriel, William Labov, Marvin I. Herzog. "Empirical Foundations for a Theory of Language Change." *Directions for Historical Linguistics. A Symposium*. Eds. W. P. Lehman and Yakov Malkiel. Austin & London: University of Texas Press, 1968.

### Histórias da língua

*The Cambridge History of the English Language.*

Vol. I *The Beginnings to 1066*. Ed. Richard M. Hogg.

Vol. II *1066-1476*. Ed. Norman Blake. Cambridge: University Press, 1992.

Vol. V *English in Britain and Overseas. Origins and Development*. Ed. Robert Burchfield. Cambridge : University Press, 1994.

Barber, Charles. *Linguistic Change in Present-day English*. Edinburgh & London: Oliver & Boyd, 1964.

\_\_\_\_\_. "The Later History of English." *The English Language*. Eds. W. F. Bolton and David Crystal. (Vol. 10 *The Penguin History of Literature*). Harmondsworth: Penguin Books, 1993. 251-293.

Baugh, Albert C. *A History of the English Language*. 2nd ed. London: Routledge & Kegan Paul, 1959. (A. C. Baugh and Thomas Cable, 3rd. ed. , 1978).

Bolton, W. F. *The English Language. Essays by English & American Men of Letters 1490-1839*. Cambridge: At the University Press, 1966.

\_\_\_\_\_. *A Short History of Literary English*. London: Edward Arnold, 1967.

\_\_\_\_\_. "The Early History of English." *The English Language*. Ed. W. F. Bolton and David Crystal. (Vol. 10 *The Penguin History of Literature*). Harmondsworth: Penguin Books, 1993. 223-250.

Brook, G. L. *A History of the English Language*. London: Andre Deutsch, 1958.

\_\_\_\_\_. *English Dialects*. 1963. Rpt. 2nd ed. London: Andre Deutsch, 1972

- Burchfield, Robert. *The English Language*. Oxford: University Press, 1985.
- Burnley, David. *The History of the English Language. A source book*. London: Longman, 1992.
- Delcourt, Joseph. *Initiation à l'Étude Historique de l'Anglais*. Paris: Aubier, 1944.
- Freeborn, Dennis. *From Old English to Standard English. A Course Book in Language Variation across Time*. London: Macmillan, 1992.
- Jespersen, Otto. *Growth and Structure of the English Language*. 1938. Oxford: Basil Blackwell, 1962.
- Jones, Charles. *A History of English Phonology*. London: Longman, 1989.
- Jones, Richard Foster. *The Triumph of the English Language. A Survey of Opinions Concerning the Vernacular from the Introduction of Printing to the Restoration*. Stanford: University Press, 1966.
- Leith, Dick. *A Social History of English*. London: Routledge & Kegan Paul, 1983.
- Mossé, Fernand. *Esquisse d'une Histoire de la Langue Anglaise*. 1947. Lyon: IAC Éditions, 1958.
- Potter, Simeon. *Our Language*. Harmondsworth: Penguin Books, 1950.
- Pyles, Thomas. *The Origins and Development of the English Language*. 2nd. ed. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.
- \_\_\_\_\_. and John Algeo. *Problems in the Origins and Development of the English Language*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1966.
- Serjeantson, Mary S. *A History of Foreign Words in English*. London: Routledge & Kegan Paul, 1965.
- Smith, Logan Pearsall. *The English Language*. 1912. London: Oxford University Press, 1960.
- Strang, Barbara. *A History of English*. London: Methuen, 1970.
- Sweet, Henry. *A History of English Sounds. From the earliest period including an investigation of the general laws of sound change, and full word lists*. London, 1874.
- Wrenn, C. L. *The English Language*. 1947. London: Methuen, 1965

## **Gramáticas históricas do inglês**

### **Do Old English**

Clark, John Williams. *Early English. A Study of Old and Middle English*. London: Andre Deutsch, 1957.

Mossé, Fernand. *Manuel de l'Anglais du Moyen Age. I Vieil-Anglais. Tome Premier: Grammaire et Textes. Tome Second: Notes et Glossaire*. Paris: Aubier, 1960.

Quirk, Randolph and C. L. Wrenn. *An Old English Grammar*. 1955. Rpt. 2nd ed. London: Methuen, 1963.

Sievers, Eduard. *Abriss der Altenglischen (Angelsächsischen) Grammatik*. [1895]. 14. verbesserte Auflage von Karl Brunner Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1956.

### **Do Middle English**

Burrow, J. A. and Thorlac Turville-Petre. *A Book of Middle English*. 1922. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1996.

Mossé, Fernand. *Manuel de l'anglais du Moyen Age. II Moyen-Anglais. Tome Premier: Grammaire et textes. Tome Second: Notes et glossaire*. Paris: Aubier, 1962.

Wardale, E. E. *An Introduction to Middle English*. 1937. London: Routledge & Kegan Paul, 1962.

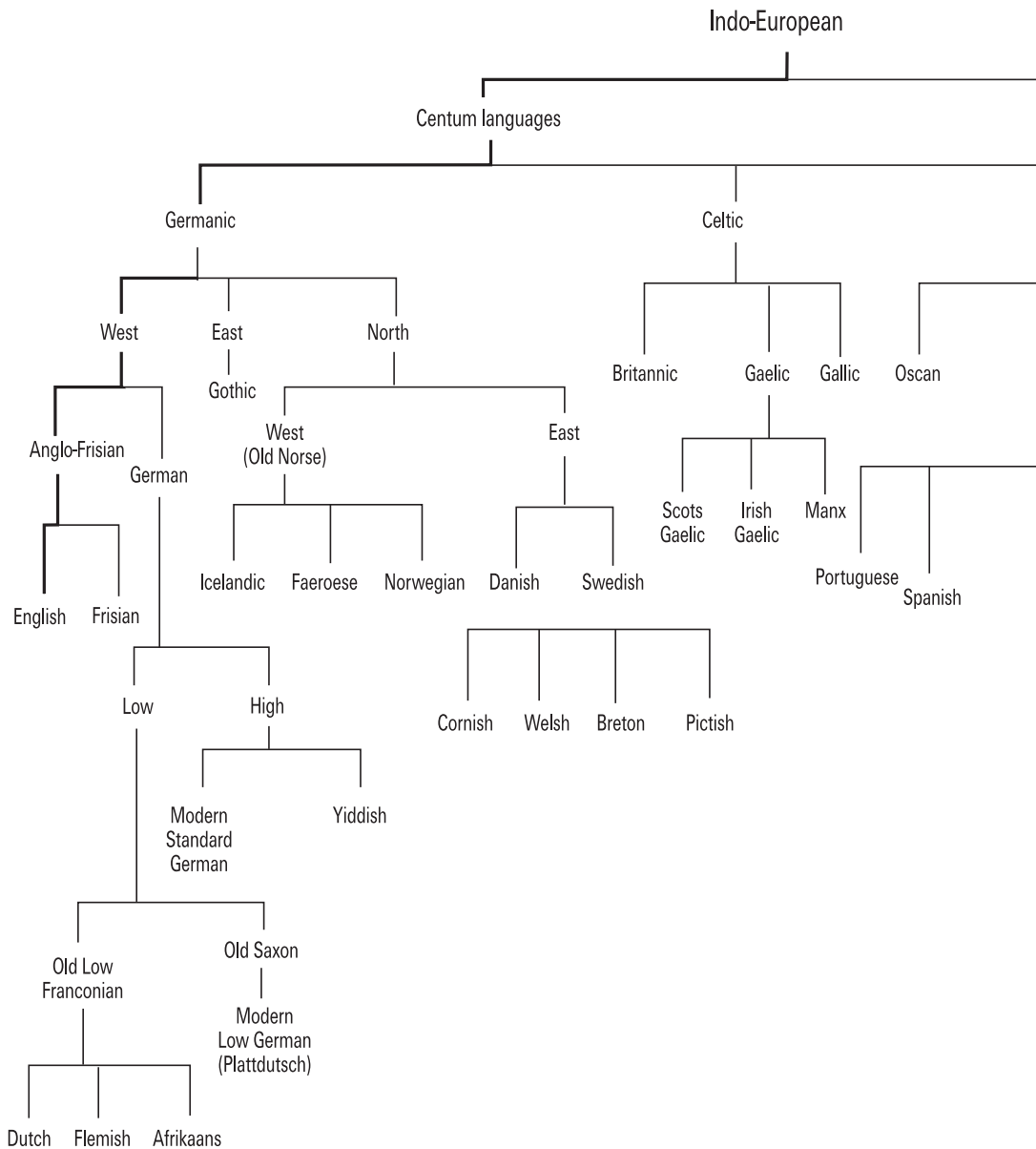
Wright, Joseph and Elizabeth Mary Wright. *An Elementary Middle English Grammar*. 1923. Rpt. 2nd ed. Oxford: University Press, 1967.

## Notas

- 1 E. Prokosch, *A Comparative Germanic Grammar* (Philadelphia: University of Pennsylvania, 1939); J. Fourquet, *Les mutations consonantiques du Germanique* (Paris: Les Belles Lettres, 1951); A. Martinet, *Économie des changements phonétiques. Traité de phonologie diachronique* (1955; Berne: Éditions A. Francke S.A., 1970).
- 2 Tradução portuguesa de Jorge Morais Barbosa, 2ª ed. (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1970).
- 3 Júlia Dias Ferreira, “Inglês IV”. Relatório (Lisboa, 1984).
- 4 Recorde-se que também são obrigatórias as cadeiras de *História da Língua Portuguesa* e *História da Língua Francesa*, nas respectivas variantes. Apenas nos cursos com a variante de alemão, a *História da Língua Alemã* é opcional.
- 5 Cf. Júlia Dias Ferreira, *Verbos ‘Irregulares’ em Inglês* (Lisboa, 1985).
- 6 Cf. Júlia Dias Ferreira, “O Ensino da Gramática Hoje,” in *Os Estudos Anglo-Americanos e o Ensino do Inglês em Portugal*, Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Ofir, 1986) 47-52.
- 7 Cf., por exemplo, *A University Grammar of English* de Randolph Quirk e Sidney Greenbaum (London: Longman, 1973), o capítulo referente à classe dos verbos em que estes surgem repartidos por dois subgrupos: ‘Regular lexical verbs’ (3.4) e ‘Irregular lexical verbs’ (3.10); ou, a propósito do morfema de ‘plural’, Howard Jackson, *Analyzing English. An introduction to descriptive linguistics* (Oxford: Pergamon Press, 1980) 106-107, em que os plurais ditos ‘irregulares’ surgem como variantes alomórficas de um morfema regular.
- 8 *Dicionário de Termos Linguísticos*, org. por Maria Francisca Xavier e Maria Helena Mateus, Vol. I (Lisboa: Edições Cosmos [1990]) 392.
- 9 *The Origin and Development of the English Language*, 94-95.
- 10 *Principles and Methods for Historical Linguistics* (1979; Cambridge, Mass.: MIT Press, 1982) 28-29.
- 11 *Esquisse d’une histoire de la langue anglaise* (2ª ed, Lyon: IAC, 1958) 5.
- 12 Vol. I, *Vieil Anglais* (Paris: Aubier, 1960).
- 13 Sobre o significado um tanto impreciso deste termo, v. a entrada em *The Oxford Companion to the English Language*, ed. Tom McArthur (Oxford: University Press, 1992).
- 14 “Uma história do inglês segundo S. Mateus (6, 24-34),” *Actas do XIII Encontro da APEAA* (Porto, 1992) 29-35.
- 15 Thomas Smith (1568), *Dialogue concerning the Correct and Emended Writing of the English Language*; John Hart (1569), *An Orthographie*; (1570), *A Method or Comfortable Beginning for All Unlearned, Whereby They May Bee Taught to Read*

- English*: William Bullokar (1580), *Booke at Large, for the Amendment of Orthographie for English Speech*; Richard Mulcaster (1582), *Elementarie*. Para mais pormenores sobre esta questão, é aconselhada a leitura de Albert C. Baugh, *op. cit.*, §156.
- 16 Sobre esta questão é recomendada a leitura de A. C. Baugh, *op.cit.*, §170, onde são referidos os nomes e as obras dos principais autores dos primeiros dicionários de palavras difíceis: Robert Cawdrey, *The Table Alphabeticall of Hard Words* (1604); John Bullokar, *English Expositor* (1616); Henry Cockeram, *English Dictionarie* (1623); Thomas Blount, *Glossographia* (1656); Edward Phillips, *New World of Words* (1658). A título de exemplo de dicionários universais, mencionem-se os de John Kersey, *New English Dictionary* (1702); Nathaniel Bailey, *Universal Etymological English Dictionary* (1721); Frederick Barlow, *Complete English Dictionary* (1772); James Barclay, *Complete and Universal English Dictionary* (1774), etc.
- 17 Na dedicatória de *Troilus and Cressida* ao conde de Sunderland (1679), Dryden escrevia: "how barbarously we yet write and speak [...] and I am sufficiently sensible in my own English. For I am often put to a stand, in considering whether what I write be the idiom of the tongue, or false grammar. [...] I am desirous [...] that we might all write with the same certainty of words, and purity of phrase, to which the Italians first arrived, and after them the French: at least that we might advance so far, as our tongue is capable of a standard." Cit. por A. C. Baugh, *op. cit.*, 309.
- 18 Cf. Também W. F. Bolton, *A Short History of Literary English*, cap. 7 "The Eighteenth Century" e cap. 8 "The Modern Age".

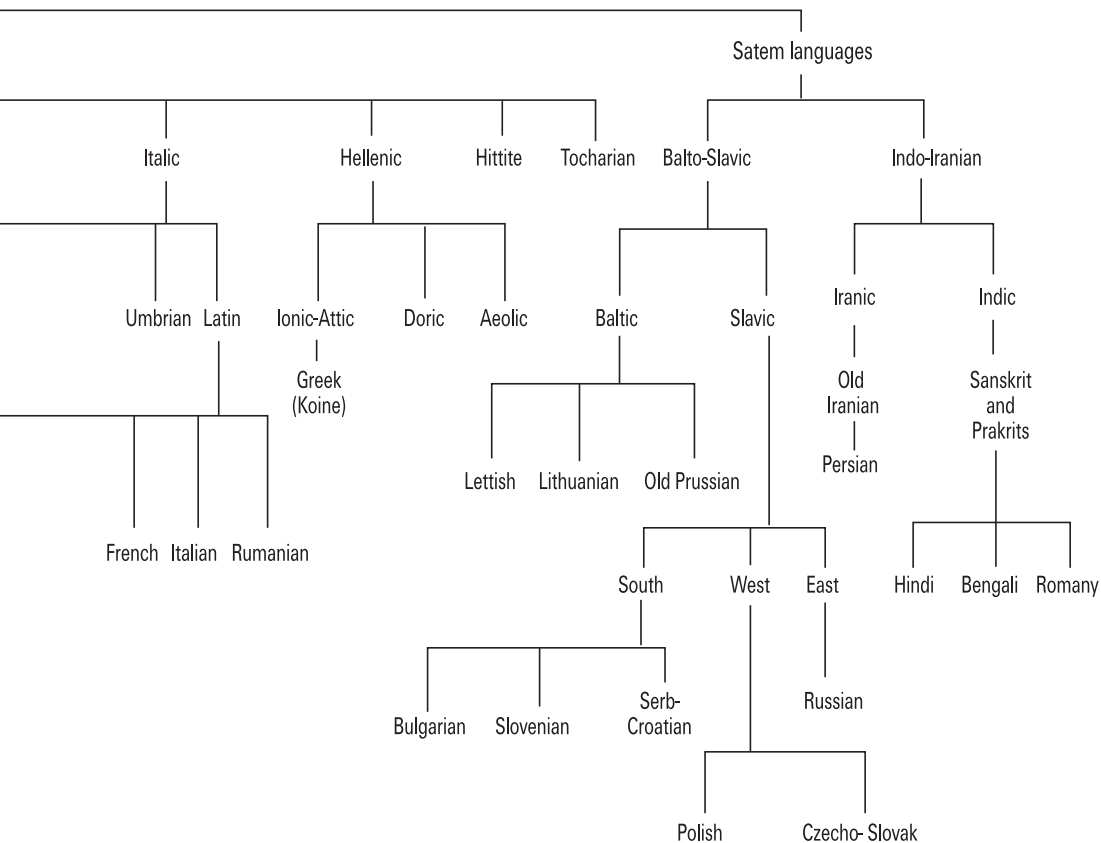
# **Anexos**





## Anexo I

Indo-European and the more important languages developed from it



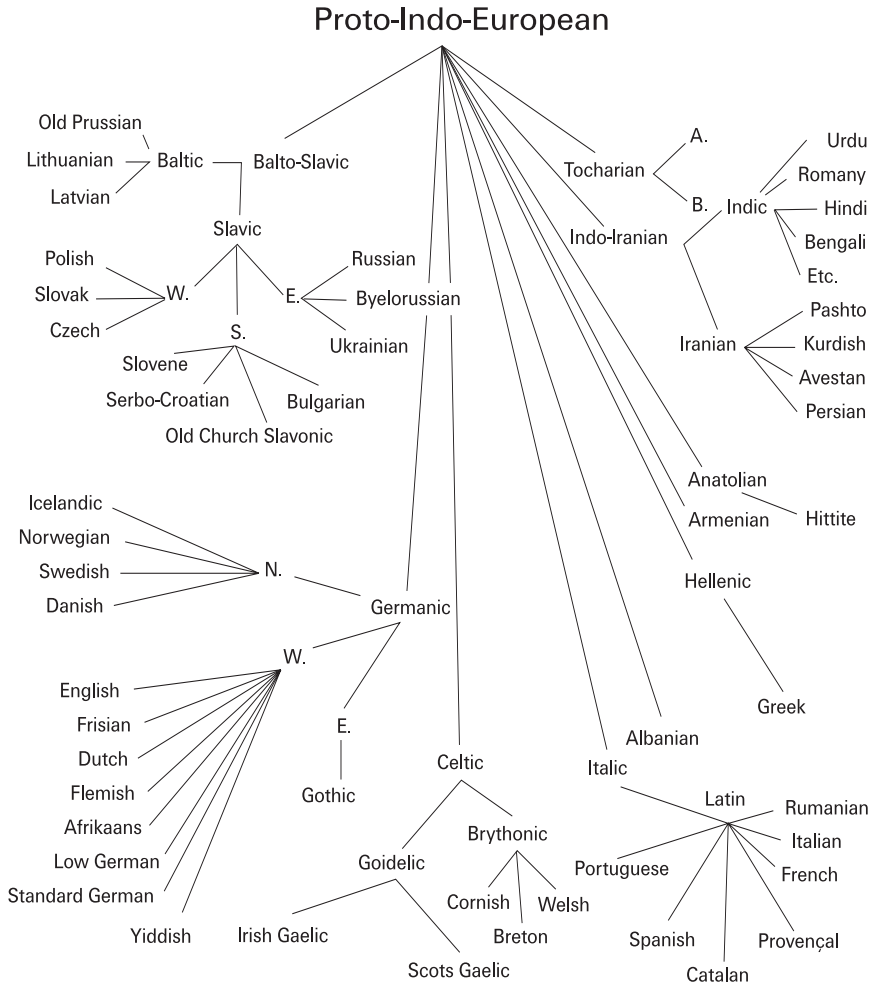
Thomas Pyles

*The Origin and Development of the English Language*

2<sup>nd</sup> Ed. New York: Hartcourt Bruce Jovanovich, 1971.

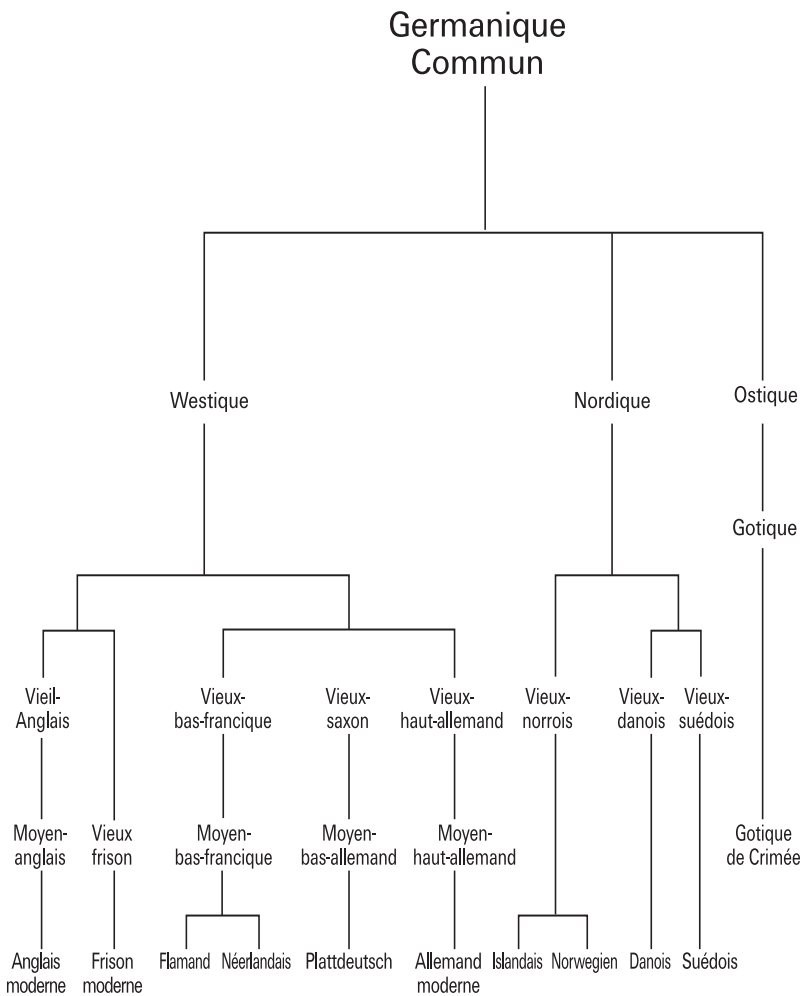
## Anexo 2

A partial family tree of the Indo-European languages



Robert J. Jeffers and Ilse Lehiste  
*Principles and Methods for Historical Linguistics*  
 1970. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1982

### Anexo 3



Fernand Mossé  
*Esquisse d'une histoire de la langue anglaise*  
 2<sup>e</sup> ed. Lyon: IAC, 1958.

## Anexo 4

### Les Dialectes du vieil-anglais



Fernand Mossé. *Manuel de l'Anglais du Moyen Age*, I vol. *Vieil Anglais*. Paris: Aubier, 1960.



From *A History of the English*, by George M. Trevelyan.. ©1945, Green and Co., London.

## Anexo 5

## Tableau des principaux paradigmes

		Thèmes en		-ā-	-ō-	-ī-	-ū-								
		M	Nt (bref)	Nt (long)	brefs	longs									
Substantif	Sg	N	stan	dæl	word	giefu	lar	stede	sunu						
		A	stan	dæl	word	giefe	lare	stede	sunu						
		G	stanes	dæles	wordes	giefe	lare	stedes	sunu						
		D	stane	dæle	worde	giefe	lare	stede	sunu						
PI	NA	stanas	dalu	word	giefu	lar	stede	sunu							
	G	stana	dala	worda	giefu	laru	stedu	sunu							
	D	stanum	dalum	wordum	giefum	larum	stedum	sunum							
		-an- (faible)			Thèmes-Racines		-az								
		M	Nt	F	M	F									
		Guma	eare	sunne	mann	boc	cild								
		Guman	eare	sunnan	mann	boc	cild								
		Guman	earan	sunnan	mannes	bec	cildes								
		Guman	earan	sunnan	menn	bec	cilde								
		Guman	earan	sunnan	menn	bec	cildru								
		Gumena	earena	sunnena	manna	boca	cildra								
		Gumum	earum	sunnum	mannum	bocum	cildrum								
		Adj. fort (bref)		Adj. fort (long)		Adj. Faible									
		M	Nt	F	M	Nt	F	M	Nt	F					
Sg	N	glæd	glæd	gladu	god	god	god	goda	gode	gode					
	A	glædne	glæd	glade	godne	god	gode	godan	gode	godan					
	G	glades	glades	glædre	godes	godes	godre	godan	godan	godan					
	D	gladum	gladum	glædre	godum	godum	godre	godan	godan	godan					
	I	glade	glade	—	gode	gode	—	—	—	—					
PI	N	glada	gladu	glada	gode	god	goda	godan	godan	godan					
	A	glade	gladu	glada	gode	god	goda	godan	godan	godan					
	G	glædra	glædra	glædra	godra	godra	godra	godra	godra	godra					
	D	gladum	gladum	gladum	godum	godum	godum	godum	godum	godum					
1er pers.		Sing	Duel	Pluriel	Article										
		N	ic	wii	we	Sg				N	se	ðæt	seo		
		A	me	unc	us					A	ðone	ðæt	ða		
		G	min	uncer	ure					G	ðæs	ðæs	ðære		
		D	me	unc	us					D	ðæm	ðæm	ðære		
		2e pers.								I	ðy	ðy	—		
		N	ðu	git	ge					PI	NA	ða	ða	ða	
		A	ðe	inc	eow					G	ðara	ðara	ðara		
		G	ðin	incer	eower					D	ðæm	ðæm	ðæm		
		D	ðe	inc	eow					Démonstratif					
		3e pers.								SSg	N	ðes	ðis	ðeos	
		Sg	N	he	hit	heo					A	ðisne	ðis	ðas	
			A	hine	hit	hie					G	ðisses	ðisses	ðisse	
			G	his	his	hiere					D	ðissum	ðissum	ðisse	
			D	him	him	hiere					I	ðys	ðys	—	
		PI	NA	hie	hie	hie					PI	NA	ðas	ðas	ðas
			G	hiera	hiera	hiera					G	ðissa	ðissa	ðissa	
			D	him	him	him					D	ðissum	ðissum	ðissum	

Pron. Interrog.

		M	F	Nt
Sg	N	hwa	hwæt	
	A	hwone	hwæt	
	G	hwæs	hwæs	
	D	hwæm	hwæm	
	I	hwý	hwý	

## VERBES

		V. Forts	Vfb I	Vfb II	Vfb III	V.	'Être'	
GROUP DU PRÉSENT	Indicatif							
	Sg	1	nime	deme	folgje	hæbbe	eom	beo
		2	nim(e)st	dem(e)st	folgast	hæfst	eart	bist
		3	nim(e)ð	dem(e)ð	folga	ðhæfð	is	bið
	Pl	nimað	demað	folgiað	habbað	sint	beoð	
	Optatif							
	Sg		nime	deme	folgje	hæbbe	sie	beo
		Pl	nimen	demen	folgjen	hæbben	sien	beon
	Impératif							
	Sg	2	nim	dem	folga	hafa	—	beo
		Pl	nemað	demað	folgiað	habbað	—	beoð
	Infinitif							
		niman	deman	folgjan	habban	wesan	beon	
Gérondif								
		nimenne	demenne	folgienne	habbenne	wesenne	beonne	
Participe								
		Nimende	demende	folgiende	hæbbende	wesende	beonde	
PRETERIT	Indicatif							
	Sg	1 3	nam	demde	folgode	hæfde	wæs	—
		2	name	demdest	folgodest	hæfdest	wære	—
	Pl	namon	demdon	folgodon	hæfdon	wæron	—	
	Optatif							
	Sg		name	demde	folgode	hæfde	wære	—
		Pl	namen	demden	folgoden	hæfdon	wæren	—
Participe passé								
		(ge)numen	ge-demed	ge-folgod	ge-hæfd	—	—	
CLASSES DE VERBES FORTS	Infinitif		Prés 2 Sg	Prés 3 Sg	Prét 1 Sg	Prét Pl	Part. Passé	
	I	drifan	drifst	drifð	draf	drifon	ge-drifen	
	II	beodan	bietst	biet	bead	budon	ge-boden	
	III	bindan	bintst	bint	band	bundon	ge-bunden	
	IV	beran	bierst	bierð	bær	bæron	ge-boren	
	V	cweðan	cwist	cwið	cwæð	cwædon	ge-cweden	
	VI	faran	færst	færð	for	foron	ge-faren	
VII	feallan	fielst	fielð	feoll	feollon	ge-feallen		
	hatan	hætst	hætt	het	heton	ge-haten		

Fernand Mossé

*Manuel de l'Anglais du Moyen Age. I Vol. Vieil-Anglais. Paris: Aubier, 1960.*

## Anexo 6

### Flexão nominal em ME

Em ME há 3 tipos de flexão nominal

		I	II	III
Sg	N A	—	-e	-e
	G	-(e)s	-es	-e
	D	-e	-e	-e
PI	-(e)s	-es	-en [ G -en(e) ]	

Nota: Os dialectos do Norte seguem, por regra, o paradigma do tipo I; os dialectos dos Midlands os tipos I e II; os dialectos a sul do Tamisa os tipos I, II e III

Durante o período ME o paradigma do tipo III tende a desaparecer e a confundir-se com o tipo II; este, por sua vez, confunde-se com o tipo I; no final do período, só já há um tipo regular de declinação

Sg	N A D	—
	G	-(e)s
PI		-(e)s

### Flexão verbal em ME

A flexão verbal do grupo do presente é uniforme e independente da natureza dos verbos (fortes ou fracos), mas difere conforme os dialectos.

		North	Midlands	outh
Indicativo	Sg 1	-(e)	-e	-e
	2	-es	-est (-es)	-(e)st
	3	-es	-es (-eþ þ)	-eþ
	PI	-es -is	-es -e(n)	-eþ
Optativo	Sg	-(e)	-e	-e
	PI	-(en)	-e(n)	-e(n)
Imperativo	Sg 2	—	—	—
	PI 2	-es	-eþ	-eþ
Infinitivo		—	-(e)n	-e(n)
Partícipio		-and(e)	-and -ende -ing(e)	-inde -ing(e)



## Pretérito e Participio Passado

Neste grupo existe, como em OE, uma distinção muito nítida entre os verbos fortes e os verbos fracos. As diferenças dialectais, menos acentuadas do que no grupo do presente, opõem os dialectos do Norte ao resto da Inglaterra. O Norte tem geralmente uma forma única para todo o grupo do pretérito nos verbos fracos e, nos verbos fortes, só o participio passado possui uma forma diferente.

### Verbos fortes

		North	Midl e South
Indicativo	Sg 1	—	—
	2	—	-(e)
	3	—	—
	Pl	—	-e(n)
Optativo	Sg	—	-d
	Pl	—	-e(n)
Part. pas.	-e(n)		-(e)n -e(n)

### Verbos fracos

Indicativo	Sg 1	-ed(e)	-d(e)	-t(e)
	2	-edest	-dest	-test
	3	-ed(e)	-d(e)	-t(e)
	Pl	-ed(e) (n)	-d(e) (n)	-t(e) (n)
Optativo	Sg	-ed(e)	-d(e)	-t(e)
	Pl	-ed(e) (n)	-d(e) (n)	-t(e) (n)
Part. Pas.		-ed	-d	-t

Nota: O participio passado pode ser precedido do prefixo *y-*, *i-* (<OE *ge-*). O uso deste prefixo é muito irregular.

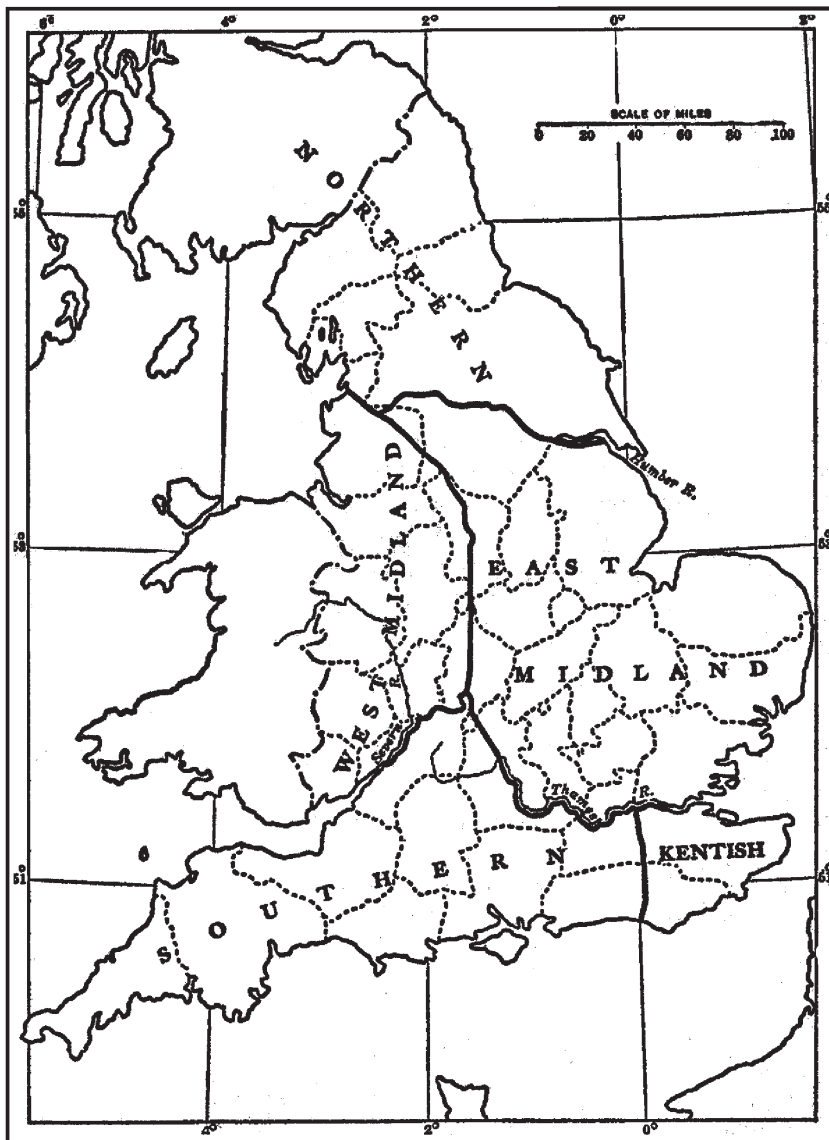
Composto a partir de Fernand Mossé,

*Manuel de l'Anglais du Moyen Age, II Moyen-anglais*, Paris:Aubier, 1962.

## Anexo 7

### Middle English Dialects





From *A History of the English Language*. Second Edition. by Albert C. Baugh. ©1957. Appleton-Century-Crofts, Inc.

## Anexo 8

### Mark 6: 130

Old English (c. 1000)

- 18 Ðā sǣde Iohannes Herode: "Nis þē alȳfed to hǣbenne þīnes brōðer wīf."
- 19 Ðā syrwe Herodias ymbe hine, and wolde hine ofslēan, and hēo ne mihte.
- 20 Sōðlice Herodes ondrǣd Iohannem, and wiste þæt hē wæs rihtwīs and hālig, and hē hēold hine on cwerterne. And hē gehīerdeþæt hē fela wundra worhte, and hē lufelice him hīerde..
- 21 Pā se dæg cōm Herodes gebyrdtīde, hē gegearwodemicele feorme his ealdormannum, and þæm fyrmostum on Galilea.
- 22 And þā ðā þære Herodiadiscan dohtor inn-ēode and tumbode; hit līcode Herode and eallum þæm ðe him mid sǣton. Se cyning cwæð þā tō ðæm mǣgdene: 'Bidde mē swā hwæt swā þū wille, and ic þē selle';
- 23 And hē swōr hire, 'Sōðes ic þē selle swā hwæt swā þū mē bitst, þēah þū wille healf mīn rīce.'
- 24 Ða hēo ūt-ēode, hēo cwæð tō hire mēder, 'Hwæs bidde ic?' Pā cwæð hēo, 'Iohannes hēafod þæs fulluhteres.'
- 25 Sōna þā hēo mid ofste inn tō þæm cyninge ēode; hēo bæd and þus cwæð: 'Ic wille þæt ðū mē hrædlice on ānum disc selle Iohannes hēafod.'
- 26 Pā wearð se cyning geunrēt for þæm āðe, and forþæm ðe him mid sǣton nolde þēah hīe geunrētan.
- 27 Ac sende āne cwellere, and bebēad þæt man his h]eafod on ānum disc brōhte. And hē hine þā on cwerterne behēafdode.
- 28 And his hēafod on disc brōhte, and hit sealde þæm mǣgdene, and þæt mǣgden hit sealde hire mēder.
- 29 Ða his cnihtas þæt gehīerdon, hīe cōmon, and his līchaman nāmon, and hine on byrgene legdon.
- 30 Sōðliche þā ðā apostolas tōgædere cōmon, hīe cȳddon þæm Hǣlende eall þæt hīe didon and hīe lǣrdon.

**Wycliffite (c. 1375)**

- 18 Sothly Johne seide to Eroude. 'It is not leefful to thee, for to haue the wyf of thi brother.'
- 19 Erodias forsothe leide aspies to him, and wolde sle him, and mi3te not.
- 20 Sothly Eroude drede John. witinge him a iust man and hooly, and kepte him. And him herd, he dide many thingis, and gladly herde hym.
- 21 And whanne a couenahle day hadde fallun, Eroude in his birthe day made soupere to the princis and tribunys and to the firste of Galilee.
- 22 And whanne the dou3ter of thilke Erodias hadde entride yn, and lepte, and pleside to Eroude, and also to men restyng, the kyng seide to the wenche, 'Axe thou of me what thou wolt, and I schal 3yue to thee':
- 23 And he swoor to hir: 'For what euere thou schalt axe, I schal 3yue to thee, thou3 the half of my kyngdom.'
- 24 The whiche, whanne sche hadde gon out, seide to hir modir, 'What schal I axe?' And sche seide, 'The heed of John Baptist.'
- 25 And whanne sche hadde entrid anon with haste to the kyng, she axide, seyng, 'I wole that anon thou 3yue to me in a dische the heed of John Baptist.'
- 26 And the kyng was sory for the ooth, and for men sittinge to gidere at mete he wolde not hir be maad sory;
- 27 But a manquellere sent, he comaundide the heed of John Baptist for to be brou3t. And he bihedide him in the prison.
- 28 And brou3te his heed in a dische, and 3af it to the wenche, and the wench 3af to hir modir.
- 29 The which thing herd, his disciplis camen, and token his body, and puttiden it in a buriel.
- 30 And apostlis comyng to gidere to Jhesu, tolden to hym alle thingis that thei hadden don and tau3t.

**Tyndale (1525)**

- 18 Jhon said vnto Herode, 'It is not lafull for the, to have thy brothers wyfe.'
- 19 Herodias layd waite for him, and wolde have killed him, butt she coulde not;

- 20 For Herode feared Jhon, knowynge that he was iuste and holy, and gave him reverence. And when he herde him, he did many thinges, and herde him gladly.
- 21 And when a conveyent daye was come, Herode on hys birth daye made a supper to the lordes, captayns, and chefe estates of Galile.
- 22 And the doughter of the same Herodias cam in, and daunsed, and pleased Herode and them that sate att bourde also. Then the kinge sayd vnto the mayden: 'Axe of me what thou wilt, and I will geve it the';
- 23 And he sware vnto her, 'What soever thou shalt axe of me, I will geve it the, even vnto the one halfe of my kyngdom . '
- 24 And she went forth, and sayde to her mother, 'What shall I axe?' And she sayde: 'Jhon Baptistes heed.'
- 25 And she cam in streigth waye with haste vnto the kinge and axed, sayinge: 'I wyll that thou geve me by and by in a charger the heed of Jhon Baptist.'
- 26 And the kinge was sorye, yet for hys othes sake, and for their sakcs which sate att supper also, he wolde not put her besyde her purposst;
- 27 And immediatly the kyng sent the hangman, and commaunded his heed to be brought in. And he went and beheeded him in the preson'
- 28 And brought his heedde in a charger, and gave it to the mayden, and the mayden gave it to her mother.
- 29 When his disciples herde of it, they cam and toke vppe his body, and put it in a tounge.
- 30 And the apostles gaddered them selves to geddre to Jesus, and tolde him all thynges, booth what they had done and what they had taught.

### **The Authorised Version (1611)**

- 18 For John had said unto Herod, 'It is not lawful for thee to have thy brother's wife.'
- 19 Therefore Herodias had a quarrel against him, and would have killed him; but she could not.
- 20 For Herod feared John, knowing that he was a just man and an holy, and observed him; and when he heard him, he did many things, and heard him gladly.
- 21 And when a convenient day was come, that Herod on his birthday made a supper to his lords, high captains, and chief estates of Galilee;

- 22 And when the daughter of the said Herodias .came in. and danced, and pleased Herod and them that sat with him. the king said unto the damsel, 'Ask of me whatsoever thou wilt. and I will give it thee'
- 23 And he sware unto her, 'Whatsoever thou shalt ask of me, I will give it thee, unto the half of my kingdom.'
- 24 And she went forth, and said unto her mother, 'What shall I ask?' And she said, 'The head of John the Baptist.'
- 25 And she came in straightway with haste unto the king, and asked, saying, 'I will that thou give me by and by in a charger the head of John the Baptist.'
- 26 And the king was exceeding sorry; yet for his oath's sake, and for their sakes which sat with him, he would not reject her.
- 27 And immediately the king sent an executioner, and commanded his head to be brought: and he went and beheaded him in the prison,
- 28 And brought his head in a charger, and gave it to the damsel: and the damsel gave it to her mother.
- 29 And when his disciples heard of it, they came and took up his corpse, and laid it in a tomb.
- 30 And the apostles gathered themselves together unto Jesus, and told him all things, both what they had done, and what they had taught.

### **The New English Bible (1961)**

- 18 John had told Herod, 'You have no right to your brother's wife.'
- 19 Thus Herodias nursed a grudge against him and would willingly have killed him, but she could not;
- 20 For Herod went in awe of John, knowing him to be a good and holy man; so he kept him in custody. He liked to listen to him, although the listening left him greatly perplexed .
- 21 Herodias found her opportunity when Herod on his birthday gave a banquet to his chief officials and commanders and the leading men of Galilee.
- 22 Her daughter came in and danced, and so delighted Herod and his guests that the king said to the girl, 'Ask what you like and I will give it you.'

- 23 And he swore an oath to her: 'Whatever you ask I will give you, up to half my kingdom.'
- 24 She went out and said to her mother, 'What shall I ask for?' She replied, 'The head of John the Baptist.'
- 25 The girl hastened back at once to the king with her request: 'I want you to give me here and now, on a dish, the head of John the Baptist.'
- 26 The king was greatly distressed, but out of regard for his oath and for his guests he could not bring himself to refuse her.
- 27 So the king sent a soldier of the guard with orders to bring John's head. The soldier went off and beheaded him in the prison.
- 28 Brought the head on a dish, and gave it to the girl; and she gave it to her mother.
- 29 When John's disciples heard the news, they came and took his body away and laid it in a tomb.
- 30 The apostles now rejoined Jesus and reported to him all that they had done and taught.



## Anexo 9

### Sistemas das vogais

Germânico	Breves	i	e	a	o	u		
	Longas	i:	e: /ɛ:	a:	o:	u:		
Old English	Breves	i	e	ē	[a]	o	u	y
	Longas	i:	e:	ē:	a:	o:	u:	y:
Middle English	Breves	i	e		a	o	u	
	Longas	i:	e: /ɛ:		a:	o: /ɔ:	u:	
Early Mod Eng	Breves	i	e	æ		ɒ	u / ʌ	
	Longas	i:	e: /ɛ:			o:	u:	
Modern English	Breves	i	e	æ		ɒ	u ʌ	
	Longas	i:			ɑ:	ɔ:	u:	ɜ:

## Anexo 10

### Evoluções Espontâneas

Vogais breves				Vogais longas			
Germ	OE	ME	MnE	Germ	OE	ME	MnE
i	i	i	I	i:	i:	i:	ai
e	e	e	e	e:	e:	e:	i:
a	æ [a]	a	æ	ɛ:	ɛ:	ɛ:	i:
o	o	o	ɒ	a:	o:		
u	u	u	ʌ		a:	ɔ:	ðu
	y	i / u	i / ʌ	o:	o:	o:	u:
						a:	ei
				u:	u:	u:	au
					y:	i:	ai

## Anexo 11

### Evoluções provocadas das vogais

#### I Do Germ > OE

##### 1. Alongamento compensatório

i / u / a + nasal + fricativa surda > i: / u: / o: depois da síncope da nasal

##### 2. Influência das nasais

Junto de nasal	e>i	o>u	a>o
	e:>o.		

##### 3. Metafonia por i / j da sílaba seguinte

a > e	a: > ε:	ai > ε:
o > e	o: > e:	au > e:
u:> y	u: > y:	

#### II Do OE > ME

##### 1. Alongamentos

a) Em finais do período OE (séc. X ou XI), as vogais breves tendem a alongar-se antes de certos grupos consonânticos.

i / o + mb > i: / o:
i / u + nd > i: / u:
i / e / a / o / u + ld > i: / e: / a: / o: / u:

b) Na primeira metade do séc. XIII (ou talvez mais cedo nos dialectos do Norte), as vogais

a / e / o (regularmente) i / u (mais raramente) alongam-se em sílaba aberta.

##### 2. Abreviamentos

Em finais do período antigo e principalmente durante o período médio, as vogais longas tendem a abreviar-se

- a) em sílaba fechada, antes de 2 ou 3 consoantes (sécs. XII e XIII)
- b) em palavras derivadas e compostas (sécs. XII e XIII)
- c) antes das consoantes dentais (finais do período médio e durante o período moderno,

### III Do ME > MnE

#### 1. Influência das vibrantes

a) vogais breves	vogais longas	ditongos
i + r > ɜ:	i: + r > aiə	ai + r > eə
e + r > ɜ: (por vezes)	e: + r > iə	
e + r > ɑ: (regularmente)	e: + r > eə	
a + r > ɑ:	r + e: > ei	
o + r > ɔ:	a: + r > eə	
u + r > ɜ:	ɔ: + r > ɔ:	
	o: + r > ɔ:	
	u: + r > auə	
	u: + r + cons. > ɔ:	

#### 2. Influência das laterais

a + l > ɔ  
o + l > əu

#### 3. Influência das fricativas surdas

a + fric surda > ɑ:  
o + fric surda > ɔ:

#### 4. Influência das labiais

w + a > ɒ  
lab. + u > u  
lab. + o: + r > uə  
w + ɔ: > wo: > u:  
u: + lab. > u:

## Anexo 12

### Sistemas dos ditongos

Germânico	ai	au	eu	[iu]			
Old English	ɛ:ð <ea>		e:ð <eo>	æð <ea>		eð <eo>	
Middle English	ei	ai	ɔi	iu	ɛv	au	ɔu
Early Mod Eng	ei	ai	ɔi/ui	ɛv/iu	ɒu	ɔu	ði. ðu
Modern English	ei	ai	ɔi	au	ðu		
	ið	eð	uð				
	aið	auð					

## Anexo 13

### Evoluções Espontâneas

#### Ditongos

Germ	OE	ME	MnE
ai	a:	ɔ:	ðu
eu	e:ð	e:	i:
au	ɛ:ð	ɛ:	i:
	eð	e	
	æð	a	
		ei>ai	ei
		ai	ei
			ei
			ai
		oi	oi
		eu	(j)u:
		iu	(j)u:
		au	ɔ:
			au
		ou	ðu /ɔ:
			ðu
			ið
			eð
			uð
			—
			aið
			auð

### Evolução espontânea das vogais e ditongos

#### Exemplos

#### Vogais breves

- \* skipan > scip > ship > ship [ʃ i p]
- \* helpanan > helpan > helpen > help [help]
- \* þat > ðæt > that > that [ðæt]
- \* godan > god > god > god [gɒd]
- \* hnut > hnut > nut > nut [nʌt]

## Vogais longas

- \* rīdanan > rīdan > rīden > ride [raid]
- \* hēr > hēr > hēr > here [hiə]
- \* dēdiz > dēd > dēd > deed [di:d]
- \* þāχta > ðōhte > thoughte > thought [θɔ:t]
- \* stōlaz > stōl > stōl > stool [stu:l]
- \* hūsan > hūs > hous [u:] > house [haus]

## Ditongos

- \* gaitaz > gāt > gōt > goat [gəʊt]
- \* laubaz > lēaf > lef [ɛ:] > leaf [li:f]
- \* deuzan > dēor > dēr > deer [diə]
- \* diuziz > dēore > dēre > dear [diə]

## Evolução provocada das vogais

### 1. Alongamento compensatório

- \* fimfi > fīf > fīf > five [faiv]
- \* munþaz > mūð > mouth > mouth [mauθ]
- \* gans > gōs > goos > goose [gu:s]

### 2. Influência das nasais

- Lat. mentha > mint > mint > mint [mint]
- Lat nonna > nunne > nunne > nun [nʌn]
- \* landan > land / lond > land > land [lænd]
- \* langaz > lang / long > long > long [lɒŋ]
- \* spēnuz > spōn > spōn > spoon [spu:n]

### 3. Metafonia por i / j

- \* haljo > hell > hell > hell [hel]
- \* fulyanan > fylan > fillen > fill [fil]
- \* dailiz > \* dāli > dēle > dele [ɛ:] > deal [di:l]
- \* fōtiz > fēt > fēt [e:] > feet [fi:t]
- \* brūdiz > brȳd > brīd > bride [braid]

## Do OE &gt; ME

## 1. Alongamentos

- a) \* wilþijaz > wilde > wīlde > wild [waɪld]  
 \* feþpuz > feld > fēld > field [fi:ld]  
 \* alðaz > ald > āld > ōld > old [əʊld]  
 \* hundaz > hund > hound [u:] > hound [haʊnd]  
 \* findanan > findan > fīnden > find [faɪnd]
- b) \* stelanan > stelan > stelen [e:] > steal [sti:l]  
 \* namo > nama > name [a:] > name [neɪm]  
 \* noso > nosu > nose [ɔ:] > nose [nəʊz]

## 2. Abreviamentos

- a) \* sanfte < sōfte > softe > soft [s ft]
- b) OE wis > wis > wise [waɪz]  
 mas: wisdom > wisdom > wisdom [wɪzdəm]  
 holy [houli] + day [dei] = [hɔlɪdi]  
 \* dauþuz > deað > deth > deth > death [deθ]

## Do ME &gt; MnE ( Great Vowel Shift )

## 1. Influência das vibrantes

first > first [fɜ:st]  
 erthe > earth [ɜ:θ]  
 ferme > farm [fɑ:m]  
 hard > hard [hɑ:d]  
 corn > corn [kɔ:n]  
 hurten > hurt [hɜ:t]

fir > fire [faɪə]  
 her [e:] > here [hɪə]  
 beren > bear [beə]  
 berd [e:] > beard [biəd]  
 breken [e:] > break [breɪk]

care > care [keə]  
 ore > ore [ɔ:]  
 dore [ɔ:] > door [dɔ:]  
 tour [u:] > tower [taʊə]  
 court [u:] > court [kɔ:t]  
 fair > fair [feə]

## 2. Influência das laterais

fallen > fall [fɔ:l]  
 gold > gold [gəʊld]

### 3. Influência das fricativas surdas ( f / θ / s )

after > after [ɑ:ftə]  
 bath > bath [bɑ:θ]  
 gras > grass [gra:s]  
 broth > broth [brɔ:θ]

### 4. Influência das labiais

swan > swan [swɔn]  
 putten > put [put]  
 pore [o:] > poor [puə]  
 two [ɔ:] > two [o:] > two [tu:]  
 roum [u:] > room [ru:m]  
 wound [u:] > wound [wu:nd]

## Anexo 14

### Sistemas das consoantes

Old English	Middle English	Modern English
p t k <c>	p t k <c / k>	p t k <c / k>
b d g <g>	b d g <g>	b d g
m n l r	m n l r	m n ŋ l r
f v <f>	f v	f v
θ ð <þ / ð>	θ ð <th>	θ ð <th>
s z <s>	s z	s z
ʃ <sc>	ʃ <sh> ʒ <g / j / i>	ʃ <sh> ʒ <g / z>
h ç χ <h>	h <h> ç / χ < ʒ / gh>	h <h>
tʃ <c> dʒ <cg>	tʃ <ch> dʒ <gg / dg>	tʃ <ch> dʒ <dg>
j <g> w <w>	j < ʒ / y> w <w>	j <y> w <w>





b) Por desenvolvimento de uma semi-vocal / i / (antes de [ ç ]) ou / u / (antes de [ χ ])

e + ç > ei

a + χ > au

a: , o: + χ > ou

3. Na maior parte dos casos, a fricativa surda [ ç / χ ] cai, provocando um alongamento da vogal precedente; em alguns casos o som é substituído por / f / (Cf. *enough* ou *laugh* ).

### III. Do ME > MnE

As transformações consonânticas são raras, notando-se, sobretudo a partir do séc. XVII, tendência para a queda de certas consoantes:

1. Queda de / r / depois de vogal, quando em posição final ou pré-consonântica.

2. Queda da lateral / l /, depois de / a / e em posição pré-consonântica.

3. Queda de algumas oclusivas em posição pré-consonântica -

k, g + n > n

p + n, s > n, s

## Evolução das consoantes Exemplos

### Do Germânico > OE

- \*fōt- > fōt > fōt > foot [fu:t]
- \*wolfaz > wulf > wolf > wolf [wu:lɪf]
- \*wolfoz > wulfas > wolves > wolves [wul:vz]
- \*þornuz > ðorn > thorn > thorn [θ ɔ:n]
- \*brōþer > brōðer > brōther < brother [br ʌ ð ə]
- \*noso > nosu > nōse > nose [n ə uz]
- cf. path / paths  
    breath / (to) breathe  
    north / northern
  
- \*þeuboz > ðeofas > thēves > thieves [θi:vz]
- \*þeubaz > ðeof > thēf > thief [θi:f]
  
- \*gōdaz > gōd > gōd > good [gu:d]
- \*geldanan > gēldan > yelden > yield [ji:lɪd]
  
- \*bazaz > bæz > bāre > bare [be ə]
- \*auzon > ēare > ēre > ear [iə]

### Do OE > ME

- \*skipan > scip > ship > ship [ʃ i p]
- \*fiskaz > fisc > fish > fish [fiʃ]
  
- \*bankiz > benc(e) > bench > bench [bentʃ]
- \*krukjo > crycc(e) > crucche > crutch [kr ʌ tʃ]
- \*agjo > ecg(e) > egge > edge [edʒ]
  
- OE weg > wey / way > way [wei]
- OE heg > hey / hay > hay [hei]
- OE clæg > cley / clay > clay [klei]

OE *dæg* > day > day [deɪ]  
 OE *lagu* > lawe > law [lɔ:]  
 OE *boga* > bowe > bow [b ə u]  
 OE *stigu* > stiie / stie > sty [stai]  
 OE *fugol* > fuul / foul [u:] > fowl [faʊl]

OE *eahta* > ehta > ME *eighte* > eight [eit]  
 OE *tæhte* > tahte > ME *taughte* > taught [tɔ:t]  
 OE *dāh* > ME *dough* > dough [dəʊ]  
 OE *bōhte* > bohte > *boughte* > bought [bɔ:t]  
 mas: OE *plōh* > ME *plough* [u:] > plough [plau]

OE *genōh* > ME *y-nough* > enough [i'nʌf]

## Do ME > MnE

ME *car* > car [kɑ:]  
 ME *port* > port [pɔ:t]

ME *salmon* > salmon [sɛmən]  
 ME *balm* > balm [bɔ:m]

Cf. *know* [nəʊ] *knee* [ni:] *gnat* [næt] *gnome* [nəʊm]  
*pneumonia* [nju'məʊnj ə] *psalm* [sɔ:m]

## Anexo 16

### Grafia e pronúncia

#### Grafia

< I >	fin / fin / Finn / fin / fine / fain / fight / fait / fir / f ɜ: / fire / faiə /	< E >	bed / bed / berth / b ɜ : θ / clerk / kl α :k /
< A >	fat / f æ t / fate / feit / far / f α : / fare / feə / fall / f ɔ:l / fast / f α :st / path / p α : θ / swan / swɒn /	< O >	god / gɒd / corn / kɔ:n / gold ( gəʊld / do / du: / son / s ʌ n / love / l ʌ v / word / w ɜ :d /
		< U >	sun / s ʌ n / hurt / h ɜ : t / use / ju:s / pull / pul / busy /' bizi / bury /'beri /

#### Pronúncia

/ i /	pin busy build pretty women
/ e /	bed treasure friend leopard leisure bury lieutenant
/ æ /	cat
/ u /	put foot book wolf should would
/ ʌ /	sun son hut love blood flood enough

---

/ i : /	feet meat thief receive machine recent people
/ ɑ : /	ask glass bath dance car heart laugh clerk
/ ɔ : /	fall more door lord sword brought broth loss caught court law pause hoarse ( poor moor )
/ u : /	stool do shoe blue flew crew wound soup move
/ ɜ : /	bird berth hurt word learn
/ iə /	here hear deer
/ eə /	bare bear fair heir
/ uə /	poor moor
/ ai /	fine night die dye eye fly buy height
/ aiə /	fire liar lion tyre diet
/ ei /	pale pail day sleigh break gaol
/ au /	mouse cow aunt
/ auə /	flour flower
/ əu /	goat doe know no gold dough sew
/ ju : /	mute few you beauty

## Anexo 17

I take it you already know  
Of tough and bough and cough and dough?  
Others may stumble, but not you  
On hiccough, thorough, lough and through?  
Well done! And now you wish, perhaps.  
To learn of less familiar traps?

Beware of heard, a dreadful word  
That looks like beard and sounds like bird,  
And dead: it's said like bed, not bead,  
For goodness sake don't call it "deed"  
Watch out for meat and great and threat  
(They rhyme with suite and straight and debt).

A moth is not a moth in mother,  
Nor both in bother, broth in brother.  
And here is not a match for there  
Nor dear and fear for bear and pear.  
And then there's dose and rose and lose.  
Just look them up, and goose and choose.  
And cork and work and card and ward,  
And font and front and word and sword,  
And do and go and thwart and cart —  
Come, come, I've hardly made a start!

A dreadful language? Man alive,  
I'd mastered it when I was five!

T.S.W.

Sunday Times  
January 3, 1965

Colibri – Artes Gráficas, Lda.  
Lisboa, Novembro de 2000